



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

A AYAHUASCA COMO UM VEÍCULO PARA A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

- UMA EXPERIÊNCIA NA BUSCA DA TRANSFORMAÇÃO PESSOAL -

ZÉLIA REGINA CORRÊA TAVARES

BRASÍLIA
JUNHO/2005

ZÉLIA REGINA CORRÊA TAVARES

**A AYAHUASCA COMO UM VEÍCULO PARA A
EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA**

- UMA EXPERIÊNCIA NA BUSCA DA TRANSFORMAÇÃO PESSOAL -

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso
de Psicologia do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília.
Professora Orientadora: Virgínia
Turra

Brasília/DF, Junho de 2005

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus, a Energia Suprema que preenche cada átomo desse universo infinito e ao saudoso e amado amigo espiritual Francisco Souza de Almeida que, com seu amor, me ajudou a enxergar os caminhos que levavam a mim mesma.

Agradecimentos

Agradeço sinceramente à minha orientadora pelo apoio incondicional, a meus pais pelo amor e pela concretização de mais uma etapa em minha vida e a meu irmão e cunhada Paulo Roberto Tavares e Giselda Tavares, pela confiança.

SUMÁRIO

RESUMO	04
ABSTRACT	05
INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO I	
1.1 – Ego, Inconsciente e Consciente, Persona, Complexos, Sombra.....	10
1.2 – Expansão da consciência.....	16
1.3 – O plano fisiológico na expansão da consciência.....	18
1.4 – Alcançando o estado de expansão da consciência.....	19
CAPÍTULO II	
2.1 – Enteógenos – A expansão da consciência através das plantas de poder.....	21
2.2 – Aspectos farmacológicos/fisiológicos do chá.....	23
2.3 – História da Ayahuasca no Brasil.....	25
CAPÍTULO III	
3.1 – Expansão da consciência e confissão religiosa na individuação.....	28
3.2 – Psicologia e Religião.....	30
CAPÍTULO IV	
4.1 – Enxergando a sombra.....	34
4.2 – Liberdade para mudar.....	38
4.3 – A confissão religiosa – O sagrado e o divino trazendo uma nova consciência.....	40
4.4 – Ouvindo a consciência superior.....	41
CAPÍTULO V	
5.1 – Aspectos terapêuticos/psicológicos do chá.....	44
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
ANEXOS	56
Diário Oficial da União.....	57

RESUMO

A psicologia tem como pressuposto básico tratar os produtos conscientes de uma realidade supostamente originária do inconsciente, cuja natureza fornece elementos para a ação do psicólogo. Assim, para uma melhor compreensão dos processos internos de um indivíduo, torna-se fundamental conhecer o que ele guarda no mais recôndito do seu interior ou, em outras palavras, a sua sombra. Segundo depoimentos de psicólogos que utilizam o processo de expansão da consciência, este permite ao indivíduo encontrar as causas profundas dos problemas pessoais e a origem real de uma doença, física ou psíquica. Dentre as várias técnicas para se atingir um estado de consciência alterado estão as chamadas plantas de poder que, desde os primórdios dos tempos, são utilizadas na busca de respostas e da cura. A Ayahuasca é produzida a partir de duas plantas de poder e é utilizada em contextos religiosos no Brasil desde 1930. Jung acreditava que, em um determinado momento, uma pessoa pode perceber a existência de “algo mais” além do senso comum visível, e isso costuma provocar transformações profundas e radicais em sua maneira de enxergar o mundo. No processo de *Individuação*, ocorre o desenvolvimento e a diferenciação da consciência, em que se pode, com o amadurecimento, perceber mais profundamente que as próprias experiências “estão subordinadas a um certo objetivo”. Jung afirmava que descobrir e trabalhar o conteúdo da sombra é um processo básico no caminho da individuação. Assim, a experiência de expansão da consciência com a Ayahuasca adquire um enorme valor, pois pode conduzir o indivíduo a um mergulho nas profundezas do seu ser, levando-o a se tornar consciente do material existente na sombra e oferecendo-lhe uma excelente oportunidade de trabalhar este material sob os holofotes da luz da consciência. O indivíduo “vê” e compreende a verdadeira razão pela qual sente que algo está errado. Para Jung, a experiência do sagrado e do divino, e sua conseqüente transformação de consciência, são a origem dos credos religiosos, a transformação de consciência decorre da experiência com o sagrado. Para os usuários da bebida Ayahuasca, a experiência com a mesma proporciona o “encontro com o divino” em cada um e é esse divino que, aos poucos, vai transformando cada pessoa em um ser humano melhor, mais pleno e mais feliz. Existem várias pesquisas sendo feitas com a Ayahuasca e a psicologia começa finalmente a fazer parte desse grupo.

ABSTRACT

One of the Psychology basics is to deal with conscious products of a given unconscious reality, whose nature provides the elements for a psychologist's action. To better understand of one's internal processes, it is essential to know what he/she keeps hidden deep inside or in other words, the shadow. According to psychologists who deal with expanded consciousness, this process helps a person to find the deep causes of his/her personal problems and the real source of a disease, psychic or physical. Among several techniques to achieve altered consciousness states there are what we call "power plants" that are used in search for answers and for healing since time immemorial. The Ayahuasca, a beverage made from two of these power plants, is used within religious context in Brazil since 1930. Jung believed that in a given moment a person can realize that there is "something more" beyond the visible common sense, and this realization usually causes deep transformations in the way one sees the world. In a process called "individuation" there is a development and differentiation of the consciousness, in which one can realize that one's own experiences are "subordinated to a certain objective." Jung stated that the basic process in the road to individuation is to discover and work out the "shadowed content". This way, the Ayahuasca expanded consciousness experience becomes of great value because it can lead the individual to dive deep inside oneself and become conscious of his/her shadowed substance, thus offering him/her an excellent opportunity to work out this material under the light of the conscience. The individual then sees and understands the true reasons that make he/she feel that something is going wrong. For Jung, the sacred and the divine experiences, together with their resulting consciousness changes, are the origin of religious beliefs and that the consciousness changes emerges from the sacred experience. For Ayahuasca users, this experience can provide a "divine encounter" which gradually causes a human being to become better, fuller and happier. Several researches with Ayahuasca are now going on, and Psychology finally begins to take part in this group.

Jung a denominou de Experiência *Numinosa*¹. Para alguns autores ela é chamada de Estado de Consciência Ampliada, para outros, Estado Alterado de Consciência, Êxtase ou ainda Experiência Cósmica. Trata-se da Experiência de Expansão da Consciência, um estado de consciência alterado que proporciona a determinados indivíduos uma vivência bastante significativa, podendo gerar mudanças radicais em suas vidas.

Moraes (1995), em sua tese de mestrado na Universidade de Brasília, cita Pierre Weil, o autor mais representativo da Psicologia Transpessoal no Brasil. Pierre coloca que a Experiência de Expansão da Consciência proporciona um estado de percepção da unidade do cosmos em que os indivíduos, ao invés de se perceberem fora, se percebem dentro dela (p. 64).

(...) a experiência é acompanhada de sentimentos de profunda paz, plenitude, amor a todos os seres. Compreende-se de um relance o funcionamento e a razão de ser dos universos, a relatividade das três dimensões do tempo e do espaço, a insignificância e ilusão do mundo em que vivemos, os erros monumentais cometidos por muitos seres humanos; uma iluminação acompanha muitas destas percepções. A morte é vista apenas como uma passagem para outra espécie de existência e o medo dela desaparece totalmente. (...) (p. 64).

Durante a pesquisa que embasou o presente estudo, foram encontradas diversas formas de se atingir um estado alterado de consciência. Dentre elas estão a meditação, a prática da Yoga, a biodança, a respiração holotrópica, o relaxamento e a utilização das chamadas plantas de poder, a partir das quais, são preparadas algumas bebidas (em geral chás) que, algum tempo após sua ingestão, levam o indivíduo a um estado alterado de consciência. Os chás mais conhecidos na América do Sul são o Peyote e a Ayahuasca.

Bolsanello (1971) explica que a Ayahuasca é um chá preparado pela decocção de duas plantas consideradas sagradas pelos adeptos desta bebida. Estas plantas, *Banisteriopsis caapi* e *Psychotria viridis*, têm seu consumo ritualizado há séculos na América do Sul e são de origem amazônica (p.11). Ao longo da história de sua

¹ *Numinoso* – Do latim *numinosum*. Com esta palavra Otto denota a consciência que está no fundamento da experiência do sagrado e, portanto, a constituição de *mysterium tremendum* que inspira veneração e temor.

utilização, esta bebida sofreu algumas proibições, seja por total desconhecimento das autoridades e da população, seja para efeito de estudo. Não tendo sido encontradas razões concretas para sua proibição, seu uso permaneceu liberado extra-oficialmente, embora permanecesse o preconceito de muitos.

No dia 04 de novembro de 2004, o plenário do Conselho Nacional Antidrogas – CONAD aprovou o parecer da Câmara de Assessoramento Técnico-Científico que reconhece, em caráter definitivo, a legitimidade do uso da Ayahuasca em contexto religioso (Edição Número 214 de 08/11/2004; Diário Oficial da União).

(...) CONSIDERANDO que o plenário do CONAD aprovou, em reunião realizada no dia 17 de agosto de 2004, o parecer da Câmara de Assessoramento Técnico-Científico que, por seu turno, reconhece a legitimidade, juridicamente, do uso religioso da ayahuasca, e que o processo de legitimação iniciou-se, há mais de dezoito anos, com a suspensão provisória das espécies vegetais que a compõem, das listas da Divisão de Medicamentos DIMED, por Resolução do Conselho Federal de Entorpecentes - CONFEN, n° 06, de 04 de fevereiro de 1986, suspensão essa que tornou-se definitiva, com base em pareceres de 1987 e 1992, indicados em ata do CONFEN, publicada no D.O. de 24 de agosto de 1992, sendo os subseqüentes considerandos baseados na já referida decisão do CONAD; (...)

A partir da liberação definitiva e legitimação do uso da Ayahuasca em contextos religiosos, novas portas se abriram para o seu estudo nas diversas áreas da ciência.

O objetivo teórico do presente trabalho é o estudo do fenômeno de expansão da consciência através da Ayahuasca, uma bebida cujo efeito, segundo a opinião de seus usuários freqüentes, pode levar o indivíduo, entre outras coisas, à auto-análise, ao contato com uma consciência superior e ao reconhecimento do seu processo evolutivo pessoal, o qual Jung chamou de individuação, causando transformações profundas em sua forma de encarar a vida em sua totalidade. Pretende-se explicar sobre o que é uma experiência de Expansão da Consciência abordando a utilização da bebida Ayahuasca como um veículo para este processo. Busca-se explicar o que é este chá, discorrer sobre alguns aspectos de sua utilização, identificar quais contribuições sua utilização pode trazer para a psicologia e, ainda, responder se a experiência de

Expansão da Consciência através do uso desta bebida pode ser considerada um fenômeno psíquico para uma mudança de consciência efetiva. Pretende-se também relacionar algumas questões importantes a respeito das teorias junguianas ao tema e trazer pesquisas que já estão sendo realizadas em vários países.

Hall (1986) coloca que Jung, em suas teorias, afirma existir um “diálogo” constante entre o Si-Mesmo (uma consciência superior) e o ego. “Segundo Jung, o centro da personalidade, no curso do processo de individuação, se dirige do ego para o Si-Mesmo, estabelecendo, no processo, um novo centro da psique em algum ponto intermediário” (p.56). O que se pretende observar com esta pesquisa também, são as similaridades entre esse “diálogo”, que parece permitir ao indivíduo acessar seus potenciais próprios, conhecimentos, habilidades, dons e sabedoria, e as experiências de estado alterado de consciência, proporcionados pela bebida Ayahuasca. Segundo alguns autores, a experiência de expansão da consciência além de possibilitar o autoconhecimento e a cura física, emocional e espiritual, permite ao indivíduo conseguir melhor dialogar entre esses dois níveis, passando a ver e compreender as pessoas, o mundo e os acontecimentos à luz da totalidade.

O fenômeno psicológico induzido pela Ayahuasca tem sido sujeito de muitos estudos ao redor de todo o mundo. Em uma investigação biomédica em cooperação multinacional, achados significativos sobre os efeitos desta bebida demonstraram que, após o início de seu uso, alguns indivíduos sofreram a **remissão de psicopatologias** sem que houvesse qualquer tipo de deterioração cognitiva ou da personalidade. (GROB S., CHARLES; MCKENNA J., DENNIS; CALLAWAY D., JAMES; BRITO S., GLAUCUS; NEVES S., EDISON; OBERLAENDER, GHILHERME; SAIDE L., OSWALDO; LABIGALINI, ELISEU; TACLA, CRISTIANE; MIRANDA T., CLÁUDIO; STRASSMAN J., RICK; BOONE B., KYLE; FARMACOLOGIA HUMANA DA HOASCA, PLANTA ALUCINÓGENA USADA EM CONTEXTO RITUAL NO BRASIL). Estes achados, por si só, tornam relevante a presente pesquisa, tendo em vista a constante preocupação da psicologia em encontrar soluções cada vez mais viáveis e efetivas para a cura dos processos doentes do indivíduo.

O **capítulo I** traz questões sobre ego, inconsciente e consciente, *persona*, complexos e sombra. Fala dos processos doentios e sua relação com o fenômeno da expansão da consciência.

O **capítulo II** fala da experiência de expansão da consciência a partir das plantas de poder, dando ênfase na bebida Ayahuasca. Coloca os aspectos farmacológicos da mesma e conta um pouco da sua história.

O **capítulo III** traz algumas questões das teorias de Carl Gustav Jung que se relacionam com o tema de expansão da consciência.

No **capítulo IV**, buscou-se fazer uma conexão entre os três primeiros capítulos e uma análise geral.

E, finalmente, no **capítulo V** procurou-se expor os aspectos psicológicos das experiências com a Ayahuasca e deixar algumas reflexões sobre o assunto, bem como contribuições e sugestões para outros trabalhos.

CAPÍTULO I

1.1 – EGO, INCONSCIENTE E CONSCIENTE, PERSONA, COMPLEXOS, SOMBRA

Sabe-se que a consciência é a primeira parte da psique, com a qual a psicologia se relaciona. É tudo aquilo, no comportamento humano, que pode ser mostrado sem que haja desaprovação, crítica ou censura. Em seguida, a psicologia lida com os produtos do inconsciente, tudo que não pode ser explorado diretamente, já que se encontra no nível ao qual não se tem acesso. O acesso foi ou é negado pelo sensor que diz: “você será rejeitado, será julgado, não será amado se isto vier à tona”, e essa negação acaba se tornando uma neurose. O “juiz” final é sempre o ego, que reprime, ou não, qualquer conteúdo.

Segundo Stein (1998), “O ego é um espelho no qual a psique pode ver-se a si mesma e pode tornar-se consciente”. Stein salienta que quaisquer sentimentos, pensamentos, percepções ou fantasias têm que, necessariamente, ter uma ligação com o ego a fim de se tornarem conscientes. E que na mesma proporção em que estes conteúdos psíquicos são refletidos pelo ego, pode-se afirmar que eles pertencem ao domínio da consciência. Quando um conteúdo psíquico é vagamente consciente significa que ele não foi captado ainda, nem mantido, em seu lugar na superfície refletora do ego (p. 23).

Para o mesmo autor (1998), o inconsciente é tudo aquilo que presumivelmente não se distinguiria dos conteúdos psíquicos conhecidos quando chegasse à consciência (p. 23). Alguns conteúdos permanecem conscientes e outros, temporária ou permanentemente, não. O inconsciente abrange todos os conteúdos psíquicos que ficam fora da consciência, por qualquer razão ou duração. É a área de investigação mais importante da psicologia profunda.

Stein (1998) coloca ainda que “a consciência é, muito simplesmente, o estado de conhecimento e entendimento de eventos externos e internos. É o estar desperto e atento, observando e registrando o que acontece no mundo em torno e dentro de cada um de nós” (p. 24). A ausência de consciência é a total incapacidade de percepção e sentido. Para Jung, a consciência contém mais que apenas o ego, sendo uma categoria mais ampla que este. O ego é citado freqüentemente como um “complexo”. Ele é o

ponto central da consciência. A consciência do ego é a condição *sine qua non* para a investigação psicológica. Stein enfatiza que o ego não é constituído nem definido somente pelos conteúdos adquiridos da consciência, mas “É algo como um espelho ou ímã que segura um conteúdo num ponto focal da consciência”. Segundo Jung, o ego é moralmente neutro, sendo uma parte necessária da vida psicológica humana, não se constituindo em algo “ruim”. Assim, o ego pode recuperar conteúdos guardados no inconsciente, desde de que estes não estejam bloqueados por mecanismos de defesa, que mantêm os conflitos não tolerados fora do alcance, e que tenham sido aprendidos com suficiente solidez (p. 26).

Jung também afirmava que o ego é o grande determinador de quais conteúdos tornar-se-ão conscientes e quais permanecerão desconhecidos (inconscientes). E, em suas próprias palavras, como “toda a psicologia é uma confissão pessoal” (Stein; 1998; p.22), o papel do psicólogo é auxiliar o indivíduo a trazer estes conteúdos à tona para que, tornando-se conscientes (sendo “confessados”), possam ser trabalhados. Entretanto, o ego pode reprimir tudo aquilo que não lhe agrada ou que é muito doloroso. Jung (1971) salienta que o paciente, ao ser requisitado a descrever as circunstâncias provocadoras de sua enfermidade, sofrerá inevitavelmente de certas inibições. Ele ainda clarifica os motivos que levam o indivíduo a não se permitir falar abertamente, ter medo, timidez ou se esquivar.

(...) A causa reside na "observação cuidadosa" de certos fatores externos que se chamam opinião pública, respeitabilidade ou bom nome. E mesmo que confie em seu médico, mesmo que não se sinta envergonhado diante dele, hesitará em confessar certas coisas a si mesmo, como se fosse perigoso tomar consciência de si próprio. Em geral, temos medo daquilo que aparentemente pode subjugar-nos (p. 12).

A preocupação com a “opinião pública, a respeitabilidade ou o bom nome”, levam o sujeito a usar uma “roupagem” diferente para que ele possa ser aceito socialmente. Essa “roupagem”, ou máscara, foi denominada por Jung de *persona*². De acordo com Grinberg (1997), a *persona* não se trata apenas da máscara, ela também consiste do conjunto de atributos da consciência coletiva, vivenciados como pertences pessoais

² *Persona* – Termo latino que indica a máscara que o ator teatral, tanto cômico como trágico, punha no próprio rosto no decorrer da representação.

que representam o nome, os títulos, o nível socioeconômico, o *status* e assim por diante. Como máscara, o arquétipo da *persona* se relaciona primordialmente ao que é esperado socialmente de uma pessoa e à forma pela qual ela acredita que deva parecer ser. É como se fosse um compromisso entre o indivíduo e a sociedade. “Funcionando como uma roupagem do ego, a *persona* tem a importante função de anunciar aos outros como a pessoa deseja ser vista” (p. 142).

Contudo, existe um aspecto que, ao longo do tempo, se torna uma forte barreira a ser vencida na busca da autenticidade, um aspecto que pode contribuir muito nos processos doentios do indivíduo. Nas palavras de Grinberg (1997) “A máscara pode tanto expressar como esconder”. O ser humano aprende, desde a tenra idade, a moldar-se às expectativas dos pais, professores e da sociedade. Por razões adaptativas e necessidade de segurança e afeto, ele vai selecionando traços considerados desejáveis e mais adequados. Nesse processo, ele vai aprimorando sua capacidade de aprender, por meio da imitação e da sugestão, fatores de grande utilidade para tais propósitos (p. 143).

Para Grinberg (1997), deve-se tomar cuidado para não confundir a verdadeira identidade como pessoa com os papéis adotados socialmente.

A persona pode encobrir nossa verdadeira natureza e esconder as características que não costumam ser aceitas e que tendemos a rejeitar. Isso se torna um problema quando a máscara estiver compensando nossas deficiências pessoais e funcionando de modo a criar uma falsa imagem de nós mesmos. É o que ocorre quando, por razões neuróticas, uma pessoa assume um papel social inadequado ou tenta manter uma imagem que não condiz com a sua individualidade, identificando-se com sua máscara para esconder suas dificuldades e defeitos. Nesse caso dizemos que a imagem está grudada à máscara (p. 144).

Outro aspecto que se relaciona diretamente com “as doenças da alma” são os complexos. Grinberg (1997) explica que complexo foi o termo introduzido por Jung para definir temas emocionais que, não conscientizados, incomodam e atrapalham o indivíduo. Jung descobriu existir no inconsciente um núcleo funcionando como uma espécie de ímã, que atrai os conteúdos da consciência. Esse núcleo é constituído pelo

arquétipo e, ao redor deste, ficam as associações e idéias de conteúdo afetivo, carregadas de energia psíquica acumulada. A partir dos complexos, surgem alguns problemas para a psicologia profunda. Uma parte do conteúdo da psique é excluído da consciência, uma parte inativa apenas aparentemente. Essa é a nossa sombra, onde se armazenam todos os complexos que “arquitetam os sonhos e pesadelos, produzem os sintomas neuróticos, nos induzem a cometer erros, a ter brancos na memória, a praticar atos falhos, a nos colocarmos em situações constrangedoras” (p. 124-125).

De acordo com Grinberg (1997), “A sombra possui algo de especial: é um dos arquétipos que mais influenciam o ego”. Uma vez que os conteúdos da sombra já pertenceram à consciência, o ego sente inconscientemente que está em débito com tais aspectos negligenciados. Dessa forma, negligenciar a própria sombra traz um sentimento de culpa, causando, conseqüentemente, dor. A sombra, de modo geral, desenvolve-se com qualidades que se opõem às da *persona*. O ser humano tende a esconder dos outros e afastar da própria consciência tudo o que é moralmente condenável, tudo o que a cultura considera feio e desadaptado, todas as fraquezas e sentimentos que podem trazer frustração (inveja, ciúme, desamparo, etc) e, ainda, a dor de conviver com tais sentimentos (GRINBERG, 1997, P. 145).

Os aspectos da personalidade menos valorizados são nossas inferioridades, ou nossos complexos afetivos, que têm uma natureza emocional, uma espécie de autonomia ou vida própria e, conseqüentemente, um poder de possessão. Como os complexos dizem respeito, geralmente, aos setores em que a adaptação é mais frágil, isto é, àqueles em que há um certo grau de subdesenvolvimento da personalidade, a vivência da própria sombra costuma ser dolorosa. Nesse nível inferior, as emoções costumam ser mais descontroladas, nos comportamos de modo mais arcaico, sendo, muitas vezes, incapazes de julgamento e autocrítica. Tornamo-nos vítimas de nossos próprios complexos afetivos (p. 146).

Para Grinberg (1997), devemos ficar atentos às situações em que somos tomados por algum afeto, pois assim poderemos perceber nossos complexos. Os complexos são os pontos sensíveis da psique: são como “órgãos feridos, que reagem rápida e intensamente aos estímulos e perturbações externas”.

Sempre que uma emoção nos domina, é sinal de que algum complexo foi ativado. Jung dizia que não somos nós que possuímos um complexo, mas ele é que nos possui. Enquanto o complexo estiver no inconsciente, isto é, enquanto não estivermos conscientes dele, estaremos sob seu poder, sujeitos às reações mais irracionais. Os complexos do inconsciente nos visitam entrando pela porta dos fundos, invadindo nossa intimidade nas horas mais inoportunas. Seu propósito é o de nos revelar o que menos gostamos de ver em nós mesmos: nossa sombra (p. 125).

Outra questão importante colocada por Grinberg (1997) é sobre a projeção dos complexos. Quanto menos consciente for um complexo, mais facilmente ele é projetado nas outras pessoas, e essa projeção fala das próprias características do mesmo. Em algumas fases do desenvolvimento da personalidade, a projeção dos complexos pode ser construtiva, enquanto que em outros casos, podem surgir muitos problemas nas relações pessoais (p. 126-127).

Se uma pessoa ou um objeto se tornam alvo de alguma de nossas projeções, eles passam a ser portadores de nossas imagens e de nossos símbolos. Dessa forma, o objeto exterior assume as características do nosso complexo inconsciente e começa a exercer, de maneira mágica, pela via do inconsciente, uma influência direta sobre nós. Por meio do mecanismo da projeção, passamos a ver nossos aspectos inconscientes fora de nós e temos a ilusão de que nos livramos deles. Desse modo, há duas “vantagens”: achamos que tais aspectos inconscientes não nos dizem respeito e, portanto, não nos sentimos obrigados a lidar com eles (p. 127).

Para Jung, após muitos confrontos com os erros, defeitos e inferioridades da nossa personalidade, finalmente nos livramos da influência dos complexos: eles nos “abandonam”. Este desligamento em relação à pessoa que recebeu as projeções inconscientes só é possível quando o valor simbólico que havia sido colocado na pessoa ou objeto, por meio da conscientização, tiver condições de retornar ao sujeito, acompanhado de seu significado. Para evitarmos as projeções só existe um caminho: conscientizarmo-nos de nossos complexos e os confrontarmos. Jung dizia que “o caminho da diferenciação da consciência e do ego deve obrigatoriamente passar pelo

desligamento dos *imagos*³ que atribuem aos objetos um significado exagerado. Com o desligamento, o sujeito recupera a energia psíquica inconsciente e dissociada da qual ele necessita para seu desenvolvimento”. Pode-se ver que, em síntese, o complexo inconsciente não é um inimigo, pois, “embora crie situações desagradáveis”, ajuda a pessoa a conhecer-se. Mais ainda, se aceitarmos as mensagens do inconsciente, ele pode se tornar nosso melhor aliado, já que em nossa sombra estão também os aspectos saudáveis e criativos de nossa personalidade que estão ainda por se desenvolver (GRINBERG, 1997, p. 126-128).

Hall (1986) explica que existem dois componentes muito importantes na dissolução de um complexo: a compreensão de seu significado, para que seu propósito seja compreendido na consciência; e a experimentação do mesmo com afeto (emoção) numa situação segura em que ele possa ser objeto de reflexão “à luz dos valores conscientes da personalidade”. A compreensão também pode ocorrer sob uma forma simbólica, através de sonhos e outros procedimentos simbólicos (p. 44-45). Hall faz ainda uma interessante analogia do complexo com as células do corpo:

...o complexo é constrangido a funcionar como parte do organismo total, tal como as células do corpo humano, em seu estado normal, funcionam como partes ordeiras do corpo. Uma célula desregulada para servir ao bem do corpo como um todo torna-se cancerosa; um complexo não relacionado com a organização da psique (incluindo-se aí tanto a consciência como o inconsciente) pode levar a uma neurose ou (no pior dos casos) a uma psicose. (...) A sombra ou, na verdade, todo complexo, caso não estejam ligados à psique como um todo, podem ser tão destrutivos e até mesmo capazes de ameaçar a vida em proporção idêntica a uma célula cancerosa, que escapou à integração normal nos sistemas saudáveis do corpo (p. 45).

Percebe-se assim a importância de tornar conscientes os complexos, vivenciar a emoção neles contida e refletir sobre eles para poder-se, então, alterá-los. De acordo com Hall (1986), “O que efetivamente altera um complexo é o fato de ele estar ativo, com a carga emocional que carrega, ao mesmo tempo em que há a possibilidade de se

³ *Imago* – Palavra latina cujo uso foi proposto por Jung a Freud para indicar a representação subjetiva que cada criança tem do genitor, razão pela qual este último, justamente enquanto imago paterna ou imago materna torna-se psicologicamente importante e duravelmente influente para a própria criança.

fazer uma reflexão consciente a respeito do modo pelo qual ele influencia a psique” (p. 47). E aqui surge um fator fundamental: o contexto em que essa vivência deve ocorrer. Assim, um dos propósitos do *têmenos*⁴ é o de possibilitar um local seguro para se poder examinar as questões internas. Nas palavras de Hall (1986) “No *têmenos*, fechado e protegido, os complexos são inevitavelmente constelados e seus efeitos percebidos” (p. 48).

Vê-se, então, que o papel da psicologia é exatamente tratar os produtos conscientes de uma realidade que se supõe originária do inconsciente. O inconsciente, cuja natureza é desconhecida, se exprime através de elementos conscientes que fornecem os dados para a ação do psicólogo. Torna-se óbvio então que, para uma melhor compreensão dos processos psicológicos de um indivíduo, faz-se necessário “enxergar” o que se passa realmente, sem disfarces, no seu inconsciente, que guarda aquilo que “não é mostrado”. Em suma, quanto mais o indivíduo se mostra como realmente é, mais facilmente um processo de “cura” pode ser alcançado.

1.2 – EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

Se estar consciente significa conhecer e entender os eventos externos e internos, permanecendo desperto e atento, observando e registrando o que acontece no mundo em torno e dentro de cada um de nós (Stein; 1998; p. 24), então a experiência da consciência expandida representa esse mesmo estado, utilizando-se, contudo, uma espécie de “lente de aumento”. Resumidamente, através da experiência de expansão da consciência, pode-se acessar tanto o consciente quanto o inconsciente.

Isis Dias Vieira, psicóloga da clínica V.I.T.R.I.O.L., clínica de saúde integral – Psicologia, Fisioterapia e Fonoaudiologia, escreve em seu artigo que na experiência de expansão da consciência, a mente transcende os limites do espaço, do tempo e da causalidade linear. Segundo ela, não há perda de consciência, nem qualquer tipo de descontrole. A consciência do indivíduo se alarga abrangendo outras dimensões de si

⁴ *Têmenos* - Recinto que delimita e ao mesmo tempo faz substituir o espaço do sagrado. Como imagem encontra-se o freqüentemente nos materiais oníricos, nas mitologias, na linguagem religiosa e filosófica, nas obras arquitetônicas e nas ações rituais.

mesmo, enquanto consciência individual e coletiva. Isso ocorre sem perda da identidade própria. A pessoa sente que é, ao mesmo tempo, alguém ou algo mais e, também que está em outro lugar. Sua consciência transcende os limites do espaço, do tempo e da causalidade linear. Ela mergulha em um universo governado pela sincronicidade⁵. A experiência independe de religião, crenças, ou do nível de consciência espiritual em que o indivíduo se encontre no momento.

Pessoas que vivenciam a expansão da consciência afirmam existir um outro aspecto importante nessa experiência, que é o aspecto da cura. A expansão da consciência pode ser utilizada para o desenvolvimento pessoal, em todos os seus aspectos, visando à cura física ou psicológica na busca de uma vida mais plena.

Em sua tese de mestrado na Universidade de Brasília, Moraes (1995) coloca que, para os orientais, os estados de alteração da consciência são encarados da mesma maneira que os estados de consciência vigil. Ela explica que existem inúmeras escolas e tradições que descrevem os vários níveis de modificação de consciência, ensinando como atingi-los e controlá-los com o propósito de “ampliação da visão de mundo e conseqüente melhoria das condições de estar no mundo”. Moraes afirma ainda que, quer tenham por objetivo a experiência do divino ou do humano, a ênfase sempre é colocada no “viver o incomum” (p. 02).

Melhorar as condições de estar no mundo significa interagir com as outras pessoas, lidar consigo mesmo e administrar as questões da vida diária de uma forma madura, saudável e consciente. Citando Duyckaerts (1966), Moraes (1995) diz que um ser humano saudável é aquele que busca experimentar o novo “e integrar suas experiências à totalidade de seu psiquismo, mantendo em sua vida prática a integração e a autonomia funcional”. Para que isto aconteça, Duyckaerts acredita ser necessária a manutenção de uma inter-relação maleável entre os fatos extrapsíquicos e os intrapsíquicos de acordo com as exigências internas, externas e de momento (p.05). Se a experiência de expansão da consciência de fato permite ao indivíduo a vivência de um diálogo mais consciente e constante entre o Si-Mesmo e o ego, então, essa inter-

⁵ Sincronicidade – A doutrina que na psicologia analítica junguiana admite uma correlação entre estados interiores e eventos exteriores e, portanto, um paralelismo temporal, espacial e de significado entre condição psíquica e evento físico.

relação entre os fatos extrapsíquicos e os intrapsíquicos pode ser mais facilmente conseguida através dessa vivência.

1.3 – O PLANO FISIOLÓGICO NA EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

Isis Dias Vieira explica o plano fisiológico da expansão da consciência da seguinte forma: O “centro da memória” localiza-se no cérebro do ser humano, mas este não “é” a memória, assim como não “é” a consciência do homem. Entretanto, é através do cérebro que a consciência se expande. H. Berger criou um método para medir o eletromagnetismo do cérebro, o Eletroencefalograma. Segundo Berger, as ondas vibratórias do cérebro são emitidas em quatro níveis diferentes: Beta, Alfa, Teta e Delta.

As Ondas Beta – O cérebro emite ondas de 40 ciclos por segundo, e a pessoa está 80% desperta. Ela está em estado de vigília, de olhos abertos e percebendo o mundo físico através dos seus sentidos. Aqui reside o que é ligado à lógica, ao raciocínio, ao pensamento, ou seja, a atividade é mental, a consciência do mundo físico é percebida através dos cinco sentidos.

As Ondas Alfa – O cérebro emite ondas de 12 ciclos por segundo. A pessoa está de olhos fechados, com os sentidos parcialmente adormecidos, num estado de descontração e relaxamento profundo correspondente ao pré-sono. Segundo Jung, este é o estado “hipnagógico”, correspondente ao que se chama de “consciência superior”, comum antes do sono profundo e um pouco antes de acordar totalmente. Neste estado o indivíduo ultrapassa a barreira mental e entra num estado de percepção extra-sensorial, tendo pensamentos intuitivos e criativos.

As Ondas Teta – O cérebro emite ondas de 8 ciclos por segundo. A pessoa está de olhos fechados, inconsciente e com todos os sentidos adormecidos. O corpo se encontra na sua função automática e insensível à dor. Este estado corresponde ao de hipnose profunda.

As Ondas Delta – O cérebro emite ondas de $\frac{1}{2}$ a 4 ciclos por segundo, a atividade é, portanto, muito lenta. Os sentidos estão completamente adormecidos e a pessoa está totalmente inconsciente. Este estado corresponde ao de um coma profundo, sono profundo ou anestesia geral.

Finalizando, Vieira explica que no processo de expansão da consciência o indivíduo não se encontra inconsciente, sua consciência está somente em estado de expansão, como o próprio nome diz. O indivíduo está, portanto, em estado *Alfa*, o que lhe permite controlar o que acontece. O sono, o coma profundo e a anestesia geral (estados *Teta* e *Delta*) também podem trazer experiências profundas de transformação e, embora a maioria das pessoas não se lembre do que aconteceu, o processo acontece no nível inconsciente, podendo ou não se manifestar em nível consciente.

1.4 – ALCANÇANDO O ESTADO DE EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

De acordo com Vieira, a expansão da consciência deve começar pelo relaxamento físico e mental, no estado em que o nível de atividade cerebral se torna mais lento, saindo das ondas de ritmo *Beta* e produzindo as ondas *Alfa*, estado em que a pessoa se torna calma, tranqüila e harmônica. Quanto maior o relaxamento, mais lenta a atividade cerebral, propiciando a abertura da consciência. O indivíduo tem a sensação de “flutuação”, e seu campo visual torna-se rico em cores podendo, inclusive, ser animado por formas geométricas. A partir deste ponto, vêm os sinais físicos de expansão da consciência que podem ser: palidez, tremor intenso nas pálpebras, mudança no tom de voz, etc, conforme os conteúdos que emergem do inconsciente.

O processo de expansão da consciência permite ao indivíduo encontrar as causas profundas de seus problemas pessoais, coletivos, e até a origem real de uma doença - física ou psíquica -, o que permite tomar decisões mais conscientes, adotar posturas e atitudes mais maduras e melhor compreender o caminho a seguir. O trabalho de expansão da consciência, entre outras coisas, possibilita uma abertura ao potencial de inteligência e criação e permite que o indivíduo se liberte das experiências negativas do passado – aquelas que o faziam ver a vida através de uma percepção limitada por suas máscaras, seus medos, julgamentos, culpas, apegos, conceitos e preconceitos. Permite também a visão de seus processos doentios internos, a liberação consciente das memórias negativas do inconsciente e o acesso às memórias positivas, liberando a pessoa para uma vida mais rica, produtiva e prazerosa, advindo daí as transformações profundas e radicais.

É interessante observar que, segundo Vieira, a palavra V.I.T.R.I.O.L., é formada pelas iniciais de uma célebre fórmula iniciática que sintetizava a doutrina alquimista. Significa: "*Visita Interiorem Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem*", ou seja, "desça às profundezas da Terra, e destilando, encontrará a pedra oculta". Ela explica que V.I.T.R.I.O.L. é o símbolo universal da constante busca do homem para melhorar a si mesmo e à sociedade. Fazendo uma analogia, a experiência de expansão da consciência proporciona ao indivíduo a oportunidade de descer às profundezas de seu próprio ser para que possa "destilar" seu conteúdo interno e desvendar os mistérios sobre si mesmo, trazendo à tona o "ouro" interior citado pelos alquimistas.

Com a utilização de algumas técnicas, tais como: relaxamento profundo, respiração holotrópica, Yoga, meditação, etc torna-se possível expandir a consciência a outras dimensões do ser. A experiência de expansão da consciência também pode ser conseguida através da ingestão de bebidas feitas a partir das chamadas plantas de poder.

CAPÍTULO II

2.1 – ENTEÓGENOS – A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA ATRAVÉS DAS PLANTAS DE PODER

Desde os primórdios dos tempos as plantas de poder são utilizadas na busca de respostas e da cura. Débora Lerrer, jornalista da revista “Planeta na web” escreve que as plantas consideradas alucinógenas têm sido utilizadas em rituais religiosos, ao longo de séculos, por várias culturas. As plantas de poder agem como mediadoras entre o mundo da experiência imediata (consciente) e as dimensões profundas, também chamadas de espirituais (o inconsciente). Por isso, essas plantas são tidas em certas culturas como portadoras de inteligência e consideradas como fontes de profunda e misteriosa sabedoria, ou instrumentos do divino. Segundo Lerrer, as plantas de poder são denominadas “enteógenos”, que em grego quer dizer “tornar-se divino interiormente”. O objetivo de seu uso é acessar outros planos de consciência, entender seus próprios processos de vida e conectar-se com a natureza.

Entretanto, embora não haja efeito colateral conhecido, nem registro de dependência química ou dano cerebral, os distribuidores da bebida Ayahuasca asseguram que devem ser tomados alguns cuidados quanto à sua utilização. A consciência só deve ser expandida em contextos seguros, para que a experiência vivida promova um encontro iluminador e não desestruturante. O médico Otávio Castello de Campos, que toma chá de Ayahuasca regularmente dentro dos rituais da União do Vegetal, diz que “uma coisa é distribuir uma substância dessa em uma danceteria, outra é utilizá-la dentro de um contexto ritual, em que ela é encarada como um veículo sagrado, dentro de uma esfera cultural e um conjunto de valores”.

A Ayahuasca é uma bebida composta por duas plantas conhecidas popularmente como: mariri, jagube ou cipó (*Banisteriopsis caapi*) e chacrona ou rainha (*Psychotria viridis*). Júnior (1989) explica que o mariri é apontado como possuidor de virtudes terapêuticas e, para os índios, a Ayahuasca tem importância fundamental (129).

Lerrer publicou que durante a celebração dos Mistérios de Eleusis, na Grécia Antiga, o iniciado bebia uma poção chamada Kykeon. Entre vários povos ameríndios, a

ingestão de substâncias alucinógenas é parte fundamental dos rituais religiosos. No México, para os povos Huichol e Tarahumaras, e também entre vários povos indígenas da América do Norte, o cacto peyote é indispensável nos rituais religiosos – extensamente descritos por antropólogos. No Brasil, para numerosos grupos indígenas da Amazônia, a bebida Ayahuasca é considerada uma bebida sagrada e é chamada de “o vinho da alma”. Geralmente, é através do uso ritual de plantas de poder que os xamãs vão sendo treinados para adquirir seus poderes.

A jornalista coloca que, no início do século XX, o uso do haxixe e da mescalina (princípio ativo do peyote) foram explorados para aumentar a criatividade. Este cacto (*Lophophora williamsii*) foi apresentado à ciência pelo farmacologista alemão Lewis Lewin. Assim como outras substâncias chamadas alucinógenas, o peyote não vicia nem exerce qualquer influência destrutiva. É-lhe atribuída inclusive, por alguns usuários e observadores, a promoção de moralidade e comportamento ético entre os indígenas que o utilizam em contextos rituais. Assim, o uso desta bebida nos rituais da Igreja Nativa Americana é reconhecido e permitido pelo governo federal norte-americano. Na década de 70, o uso ritual de plantas de poder tornou-se mundialmente conhecido através das obras do antropólogo Carlos Castañeda. Seu livro “A erva do diabo” é derivado de suas próprias experiências de ampliação da percepção através do peyote, quando de sua iniciação pelo xamã Don Juan.

De acordo com a matéria de Débora Lerrer, a bebida usada em rituais religiosos na América do Sul, em especial na Bacia Amazônica, é a Ayahuasca, também conhecida como Santo Daime, Huasca, Hoasca, Oaska, Caapi ou Yagé. Trata-se de um chá obtido a partir da fervura de duas plantas amazônicas, o cipó jagube ou mariri (*Banisteriopsis caapi*) e o arbusto chacrona (*Psychotria viridis*). Tanto indígenas quanto seguidores das religiões do Santo Daime e da União do Vegetal afirmam que sua virtude inclui poderes de cura e clarividência. O nome Ayahuasca advém da língua quechua (dos povos indígenas do Peru). Aya pode ser traduzido por “alma” ou “espírito” e huasca, “vinho”. Em 1993 foram realizadas pesquisas com seguidores da União do Vegetal e a conclusão foi que o uso da Ayahuasca não gera dependência química e teria, inclusive, ajudado alguns a superar o alcoolismo e a dependência química. Para muitos de seus usuários, este chá é chamado simplesmente de “Vegetal”.

2.2 – ASPECTOS FARMACOLÓGICOS E FISIOLÓGICOS DO CHÁ

Oliveira (1993) conta sua experiência pessoal com o chá Ayahuasca e fala sobre uma reportagem que leu sobre a palestra do Dr. Dennis Mackenna em um congresso de saúde que aconteceu no Centro de Estudos Médicos da União do Vegetal. O autor indica uma página que fala sobre os aspectos farmacológicos da bebida:

Os alcalóides presentes no chá Hoasca pertencem a dois grupos. (1) O das triptaminas, das quais a principal é a N,N-dimetiltriptamina (ou DMT), presentes na chacrona. É o composto principal quanto aos efeitos alucinógenos do chá. É inativo quando usado oralmente, pois é rapidamente degradado por uma enzima presente em todos os tecidos, principalmente no fígado – a monoaminoxidase (...).

(2) Outro grupo de alcalóides é o das beta-carbopolinas, das quais se encontra, no chá, a Harmina, a Hermalina e a Tetrahydroharmina, como compostos principais. Sua ação principal é de anular as monoaminoxidases do organismo. São encontradas principalmente no mariri.

Pode-se ver que a união desses dois vegetais num mesmo chá representa uma solução inteligente, pois possibilita sua ação no sistema nervoso mesmo quando usada por via oral. As beta-carbopolinas ocupam-se das enzimas, abrindo espaço à ação do DMT. Aos poucos, os tecidos vão fabricando mais monoaminoxidases e, ao termo de algumas horas, já não se sentem mais os efeitos do chá, pela degradação que é feita do DMT (p. 99-100).

Oliveira (1993) diz que muito o intriga o fato de as duas plantas separadamente não surtirem qualquer efeito isolado sobre a mente das pessoas e se questiona como e em que momento o homem aprendeu a conjugá-las, entre as milhares de possibilidades e as milhares de plantas de que a natureza dispõe. O autor diz que, independentemente de sua misteriosa origem, a Ayahuasca surpreende mesmo os homens da ciência que se dedicam ao seu estudo (p. 100-101).

Govert Derix, em um artigo para a Revista Planeta (julho de 2003), intitulada “Psychoactivity III – A Ayahuasca em Debate”, explica que a bebida é um veículo psicoativo, o mais usado pelos índios da Amazônia. A palavra Ayahuasca significa, entre outros nomes, a “pequena morte”, “*madrecita* de todas as plantas” e “professor

dos professores”. Trata-se de um chá amarelo-amarronzado de sabor amargo, cujo efeito psicoativo nem sempre é sentido de imediato. Alguns indivíduos necessitam bebê-lo mais de uma vez até atingir um estado alterado de consciência. Em geral, seu efeito começa após meia hora e dura de três a quatro horas. O efeito físico pode surgir em ondas e, para aproveitar bem a experiência, recomenda-se não oferecer resistência. Também pode ser acompanhado de diarreia, calafrio e vômitos. Segundo Derix, o chá é preparado cozinhando-se as fibras do cipó jagube (*Banisteriopsis caapi*) com as folhas da chacrona (*Psychotria viridis*). Ele explica que os componentes mais importantes do *Banisteriopsis caapi* são *harmine* e *harmaline*, inibidores de monoamina-oxidase (MAO); e que a *Psychotria viridis* contém dimetil-triptamina (DMT). “Acredita-se que os inibidores de MAO tornam o DMT oralmente ativo. Usadas com medicamento antidepressivo, essas substâncias podem ser perigosas”. Derix afirma que a Ayahuasca tem se mostrado um remédio efetivo para vários vícios. Ele diz ter pesquisado o assunto no Brasil e conversado com muitas pessoas que afirmam terem se livrado do álcool e de outras drogas graças ao chá.

Lima (2004) afirma que o trabalho científico mais importante que buscou estudar a psicofarmacologia da Ayahuasca foi aquele organizado por Charles Grob (1996), o qual durou dez anos. Foi intitulado de “*Projeto Hoasca*” e dele participaram 20 pesquisadores oriundos de 12 centros de pesquisa de diferentes áreas, tais como: psiquiatria, psicologia, química e botânica. São os mesmos citados na parte introdutória da presente monografia: Dennis McKenna, Ph.D. (Divisão de Psiquiatria – UCLA, L.A. – USA); Glacus Brito, Ph.D. (Médico sanitário – consultor da OMS); Jace Callaway, M.D. (Diretor de pesquisas, Botanical Dimensions, Minneapolis – USA); Claudio T. de Miranda, M.D (Dept. Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina – Brasil); Elizabeth O. Neves, M.D (Dept. de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas); Edson Neves, M.D. (Dept. de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas); Edison S. Neves, M.D. (Centro de Estudos Médicos – UDV – Brasil); Rick Strassman, M.D (Dept. Psiquiatria, School of Medicine - New México – USA); David Nichols, Ph.D (Dept. Química Médica e Farmacologia – Univ. Pardue – Finlândia); José Cabral, Ph. D (INPA, AM – Brasil); Oswaldo Luis, M.D (Dept. Psiquiatria Universidade Estadual do Rio de Janeiro); Liseu Labigalini, M.D. (Médico

Psiquiatra Dept Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina); Cristiane Tacla, Psicóloga (Dept psiquiatria Escola Paulista Medicina); Russel Poland, M.D. (Dept psiquiatria Universidade da Califórnia, Los Angeles – USA); Mirtes Costa, Ph.D. (UNICAMP); Alba Brito, Ph.D. (UNICAMP); João E. Carvalho, Ph.D (UNICAMP); Guilherme Oberlaender, M.D (Sociedade Brasileira de Psiquiatria Biológica – RJ – Brasília).

Neste estudo foram avaliados quinze homens que freqüentavam o núcleo da União do Vegetal (UDV) de Manaus-AM e que ingeriam regularmente a Ayahuasca há mais de cinco anos e quinze indivíduos que nunca haviam ingerido, também do sexo masculino, formando assim um grupo-controle. Estes indivíduos receberam uma avaliação psiquiátrica, uma avaliação de personalidade, uma avaliação da intensidade da experiência psicoativa e testes neuro-psicológicos. Estudou-se também a Ayahuasca, seus componentes bioquímicos, assim como as plantas ingredientes dessa bebida. Dentre outros resultados significativos, a pesquisa indicou que a Ayahuasca não causa dependência química/psicológica em seus usuários e que sua toxicidade para o organismo humano é comparável com a do suco de maracujá, ou seja, o resultado da pesquisa indicou a inocuidade, a inofensividade dessa bebida. (LABIGALINI, 1998) (p. 18-19).

2.3 – HISTÓRIA DA AYAHUASCA NO BRASIL

Lima (2004), que defendeu sua monografia sobre o assunto Ayahuasca na UNB, escreve que não se sabe “como” a Ayahuasca e seu uso ritual chegaram dos Incas à população indígena da Amazônia. Segundo o autor, “os dados etnográficos e históricos existentes acerca deste fato são provenientes de *lendas e contos*” (29). Ele explica que Ayahuasca é uma palavra de origem quíchua que significa “liana dos espíritos” ou “cipó da alma”. Aya quer dizer “pessoa morta, alma, espírito” e huasca significa “corda, liana, cipó dos espíritos” (da alma, dos mortos) (Luna, 1986). Lima afirma ainda que apesar de vários países da América do Sul fazerem do consumo da Ayahuasca uma tradição, somente no Brasil religiões de populações não-indígenas que fazem uso dessa bebida

foram desenvolvidas e que, a partir destas, o seu uso ritual vem adquirindo mais e mais espaço no cenário brasileiro e mundial marcando presença em quase todos os estados brasileiros e em vários países do mundo (p. 1-2).

A bebida é utilizada ritualisticamente por diversas culturas e seu uso remonta à época dos Incas, sendo considerada uma bebida sagrada até hoje por este povo. O uso da Ayahuasca no Brasil remonta a 1930, segundo Lima (2004), embora só nos anos oitenta ela tenha sido oficialmente citada junto à legislação brasileira. Ao mesmo tempo em que os grupos que utilizavam a Ayahuasca em contextos religiosos e terapêuticos cresciam, o autor escreve que havia uma resistência muito forte por parte dos conservadores da sociedade à época, que pressionaram o Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN) a embargar o funcionamento das instituições distribuidoras do chá nos grandes centros. Em 1985, a Ayahuasca foi acrescentada à lista de substâncias controladas do DIMED (Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Medicamentos). A União do Vegetal solicitou a revisão deste parecer e, em 1986, o CONFEN organizou uma comissão interdisciplinar de pesquisa composta por juristas, psiquiatras, psicólogos, sociólogos e antropólogos, a qual não encontrou evidências de problemas sociais relativos ao uso da Ayahuasca em contextos religiosos. Segundo LIMA, a decisão legal da liberação do uso da Ayahuasca em contextos religiosos “abriu as portas para discussões mais amplas e permitiu a expansão das religiões tanto no Brasil como em outras regiões do mundo”. Hoje, a Ayahuasca é legalizada no Brasil e em países como a Espanha, a Holanda e o estado do Novo México-EUA (p. 24-25-26-27). Sabe-se também que a Ayahuasca foi recentemente liberada para uso legal na França.

Há várias organizações religiosas no Brasil atualmente que utilizam a Ayahuasca, fazendo uso do direito à liberdade religiosa garantida pela constituição. Essas instituições em geral propagam princípios morais e éticos com fundamentação cristã, incentivam o cultivo de hábitos que propiciem uma melhor convivência entre os indivíduos na sociedade e preconizam a busca pelo autoconhecimento e autoaperfeiçoamento através da concentração mental, num processo de interiorização profunda. Jung dizia que nenhuma circunstância exterior poderia substituir a experiência interna e que só à luz dos acontecimentos internos ele conseguia entender

a si mesmo. Para os usuários desta bebida, o que se busca com a interiorização é a cura espiritual e a evolução.

CAPÍTULO III

3.1 – EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA E CONFISSÃO RELIGIOSA NA INDIVIDUAÇÃO

Segundo Jung, em um determinado ponto de sua vida o indivíduo pode perceber a existência de “algo mais” além das questões cotidianas do dia-a-dia. Pode descobrir um profundo sentimento do significado da própria vida. Essa experiência costuma provocar transformações profundas e radicais. A pessoa compreende que a doença e o sofrimento não são frutos do acaso nem castigo, são ensinamentos que devem levá-la a transformar-se interiormente. Ela começa a ter vontade de entender os seus processos internos e de curar todas as “doenças de sua alma”. Começa a perceber que, na essência, ela é “algo mais”, algo que vai além de tudo isso, de tudo o que pode ser visto e percebido.

Jung era procurado por muitas pessoas em razão da falta de significado em suas vidas – significado não encontrado na ciência, na filosofia, ou na religião. Não buscar esse significado para muitos indivíduos que entram na segunda metade da vida representa defrontar-se com um vazio existencial, a partir do qual, passa-se a repensar atitudes e lamentar oportunidades e relacionamentos perdidos. Essa fase é chamada de *metanóia*⁶ e é uma etapa de enormes desafios: “Uma época em que muitos dos valores construídos e conquistados, e que tanto serviram ao crescimento e à diferenciação, precisam ser deixados de lado. É necessário permitir a morte do velho para que, outra vez, o novo tenha lugar” (GRINBERG, 1997; p. 176).

Grinberg, através de Jung, também nos leva a refletir sobre o papel do terapeuta nesse processo:

A questão básica que Jung coloca ao homem é: qual o tipo de atitude moral necessária em certo momento para lidar com as influências perturbadoras do inconsciente? Nesse sentido, a individuação ou realização do Si-Mesmo é um conceito permeado de significados morais e éticos. Sua ênfase está na

⁶ **Metanóia** – Laing usou este termo em referência ao processo pelo qual uma pessoa, após uma crise psicótica (sobretudo esquizofrenia), resolve por si mesma progredir para um novo estado, graças a essa crise considerada “positiva” para a reconstrução da pessoa. Originalmente, metanóia significava “mudança de espírito”, conversão. É o oposto de “cura”, que Laing define como “regresso ao estado anterior”.

autonomia e responsabilidade do indivíduo no mundo. Assim, o papel do terapeuta é muito mais o de facilitar e encorajar o paciente a encontrar seu próprio caminho do que lhe indicar o que fazer, ou dizer o que é certo ou errado (p. 177).

Grinberg (1997) explica que Jung chamou de *Individuação* (“tornar-se um ‘indivíduo’, aquele que não se divide”) ao processo em que ocorre o desenvolvimento e a diferenciação da consciência, em que se pode, com o amadurecimento, perceber mais profundamente que as próprias experiências “estão subordinadas a um certo objetivo, como se estivessem arranjadas numa espécie de plano”. Para Grinberg, pode-se afirmar que no “nosso caminhar pela vida existe uma intencionalidade, um objetivo a ser alcançado: o da realização da totalidade individual, com a integração de todos os aspectos de nossa personalidade originária”. Individuação é o “ pilar de sustentação de toda a nossa busca” (...) e “implica tornar-se *si-mesmo*, (...) aquilo que de fato somos”. O autor enfatiza que isso não tem a ver com individualismo, que leva a focar no particular em detrimento de obrigações e considerações coletivas (p. 176).

Grinberg acredita que a individuação “é a realização do vir-a-ser do homem, cujo objetivo final é a integração de consciência e inconsciência”. Esse processo faz com que o ego seja assimilado ao Si-Mesmo, relativizando sua posição pela sua própria conciliação com o inconsciente. Isso significa que, se por um lado a identidade pessoal se livra das camadas da persona, através da qual adotamos papéis sociais rígidos e artificiais, fugindo da nossa individualidade, por outro, a personalidade se livra do “poder sugestivo das imagens primordiais, ou seja, da possessão pelos arquétipos”. Grinberg ressalta, entretanto, que “Essa integração total do Si-Mesmo, embora seja um ideal de perfeição impossível de ser alcançado, pode ser buscada como meta”. Ele coloca ainda que a individuação não ocorre passivamente, o processo exige “a colaboração ativa do ego consciente, que deve buscá-la e conquistá-la com empenho, engajamento, paciência e coragem”. É preciso ter a capacidade de fazer morrer tudo o que já não serve mais, para poder continuar vivo e inteiro. Os problemas que surgem na individuação não são mais questões conflitantes e egóicas do desejo, são dificuldades que se relacionam a questões de importância fundamental: coletivas, morais, filosóficas e religiosas (p. 177).

3.2 – PSICOLOGIA E RELIGIÃO

Em uma discussão sobre a vida simbólica, Jung respondeu ao Reverendo W. Hopkins: ‘Não há conflito entre religião e ciência. Trata-se de uma idéia bem antiquada. A ciência deve ocupar-se do que existe. Há religião, e ela é uma das manifestações mais essenciais do espírito humano. É um fato, e a ciência não tem nada a dizer sobre isso. Ela apenas deve confirmar que existe esse fato. A ciência sempre corre atrás dessas coisas; ela não procura explicar os fenômenos. A ciência não pode estabelecer uma verdade religiosa. A verdade religiosa é essencialmente experiência, não é uma opinião. A religião é uma experiência absoluta, uma experiência religiosa é absoluta, portanto não pode ser discutida. Quando alguém, por exemplo, teve uma experiência religiosa, ele a teve e ninguém pode tirá-la dele’. (JUNG; A Vida Simbólica; Vozes; 1988; p. 289).

Silveira (1997) explica que Jung usa a palavra religião no sentido de tornar a ligar – *religio (re ligare)*. Isso quer dizer religar o consciente com certos fatores do inconsciente cheios de poder, a fim de que se dê plena atenção a eles. Esses fatores são caracterizados por suas fortíssimas cargas energéticas e intenso dinamismo. Aqueles que vivem este tipo de experiência falam de uma “emoção impossível de ser descrita, um sentimento de mistério que faz estremecer”. Daí surgiu o termo *numinoso* ou experiência do *numinoso*, termo criado por R. Otto e adotado por Jung. Para Silveira, “todas as religiões originam-se basicamente de encontros com esses fatores dinâmicos do inconsciente, seja em sonhos, visões ou êxtases” (p. 126).

Moraes (1995) relata haver uma comparação entre o conceito de *religare* e o conceito de “confissão” religiosa, feita por Jung. Para Jung, a experiência do sagrado e do divino, e sua conseqüente transformação de consciência, é a origem dos credos religiosos (p. 48). Ou seja, a transformação de consciência decorre da experiência com o sagrado, com o divino. Os conteúdos arquetípicos da alma humana são reconhecidos como as representações primordiais coletivas que estão na base das diversas religiões. Assim, citando Jung, a autora escreve:

(...) toda confissão religiosa, por um lado, se funda originalmente na experiência do numinoso e, por outro, na pistis, na fidelidade (lealdade), na fé e

na confiança em relação a uma determinada experiência de caráter numinoso e na mudança de consciência que daí resulta. Um dos exemplos mais frisantes, neste sentido, é a conversão de Paulo. Poderíamos, portanto, dizer que o termo “religião” designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso (48).

A questão religiosa ocupa lugar central na obra de Jung e não há dúvida quanto à importância que ele atribuía à experiência de Deus. Em 1961, ao ser entrevistado pelo jornalista John Freeman da TV BBC, Jung foi questionado quanto ao acreditar ou não em Deus. Sua resposta foi: “Não preciso acreditar, eu sei”. Para ele, Deus era uma “experiência tremenda e impressionante”. Segundo Jung (1971) “Grande número de práticas rituais são executadas unicamente com a finalidade de provocar deliberadamente o efeito do *numinoso*”, que “constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade” (p. 9).

Moraes (1995) descreve a definição de *Numinoso* para Jung:

O sagrado, o inexprimível, o misterioso, o tremendo, o ‘totalmente outro’, propriedades que possibilitam a experiência imediata do divino. (...) “o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador; (...) e é independente de sua vontade”. (...) O numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência (48).

Moraes (1995) escreve também que William James (1842-1910), que é considerado ainda hoje como um dos maiores psicólogos americanos, deixou como legado um método pragmático opondo-se às abordagens atomistas e introspectivas (41). Para ele, foi a experiência religiosa que permitiu a determinadas pessoas “comungar pessoalmente com o divino e transmitir sua vivência aos seus descendentes”, fundando, assim, as religiões. James, segundo Moraes, “afirma ser a religião pessoal mais fundamental do que a institucional com sua teologia e seu eclesiasticismo, pois ‘tais estados de união (...) podem dar a certas pessoas um sentido mais profundo do que qualquer outra coisa de que tenham conhecimento’”. James explica ainda que passar por tal experiência mística significa “nascer” (42).

Moraes (1995) expõe as quatro características consideradas por William James para que uma experiência seja considerada mística:

1. *A inefabilidade – a experiência não pode ser relatada adequadamente com palavras, sendo necessária sua experiência direta para ser compreendida;*

2. *A Qualidade Noética – o conhecimento de realidades profundas, inacessíveis ao intelecto; um saber interior cuja autoridade permanece;*

3. *A Transitoriedade – os estados místicos não duram muito tempo – de alguns minutos a cerca de duas horas;*

4. *A Passividade – mesmo quando certos exercícios facilitam sua aproximação a experiência acontece “por força de uma vontade superior”; (aqui James chama a atenção para a diferença entre o estado místico e processos que podem ser resumidos pelo estado de transe: o primeiro sempre deixa lembrança de seu conteúdo e sua importância, e transforma a vida do sujeito nos intervalos de sua ocorrência) (p.43-44).*

Moraes (1995) faz também alusão a alguns fatores muitíssimo importantes a respeito das idéias de William James, sintetizando seu pensamento em alguns pontos centrais. Dos cinco fatores, serão citados apenas os quatro que se relacionam com o presente trabalho.

Segundo a autora, para William James, existe um “efeito de reconciliação dos opostos, tanto do mundo como do eu interior” nas experiências místicas, e esse efeito “organiza e unifica o que antes eram contradições, conflitos e dificuldades, explicando-os e justificando-os”. E “este pequeno todo unificado se une também com um Grande Todo, uma grande unidade, e conhece-se tendo nele o seu ser” (p. 46).

O segundo ponto importante, colocado por Moraes em sua tese, fala a respeito da consciência que, após renascer “experimenta um senso de realidade maior do que o real da consciência usual”. Para James, a consciência de vigília é uma limitação e a experiência mística “um momento de libertação da consciência usualmente aprisionada em limites estreitos” (p. 46).

Outro fator relevante relatado pela autora é que, segundo James:

A experiência transforma e melhora a existência: cura doenças, fortalece o corpo e a mente, erradica vícios e direciona a vontade e a inspiração verdadeira;

dá qualidade, brilho e energia à ação; muitas vezes a transformação se evidencia de forma inquestionável para o observador, mas para James é suficiente que as pessoas “pareçam a si próprias” melhoradas ou curadas (46).

Como quarto ponto, a autora escreve que tanto o resultado quanto as características principais da experiência mística (união e consciência da unicidade) são idênticas nas diferentes religiões e culturas do mundo (p. 46).

De acordo com James, portanto, a experiência do sagrado e do divino, proporcionada pela expansão da consciência, permite ao indivíduo organizar os conflitos internos, entrar em contato com uma consciência maior e receber dessa consciência, instruções e orientações para sua vida diária, além de lhe permitir a compreensão de seus processos interiores, ao longo do tempo. E, através de Jung, viu-se que essa experiência é de vital importância para uma mudança transformadora na vida do indivíduo em seu processo de individuação. Tudo isso, traz uma compreensão maior para os rituais religiosos realizados com a Ayahuasca, pois a experiência do sagrado e do divino parece ser uma das possibilidades que a experiência de expansão da consciência obtida com esta bebida proporciona. Pode-se deduzir, a partir daqui, que a experiência com a Ayahuasca possibilita uma mudança de consciência? No caso de uma resposta afirmativa, como isso seria possível? E por quais processos?

CAPÍTULO IV

4.1 – ENXERGANDO A SOMBRA

Como se sabe, certos complexos só estão separados da consciência porque esta preferiu reprimi-los. Tudo o que se aproxima da consciência é analisado e selecionado para ser ou não incorporado ao ego. Assim, sombra é tudo aquilo que é colocado na escuridão da nossa consciência. O que é “inaceitável” pelos conceitos morais é reprimido na sombra.

Para Jung, descobrir e trabalhar o conteúdo da sombra é um processo básico no caminho da individuação. Hall (1986) explica que, para as concepções junguianas, “as desordens que levam as pessoas a fazerem análise trazem em si as sementes de desenvolvimentos novos e criativos na personalidade em processo de individuação. O alvo costuma ser não apenas ‘superar’ os sintomas manifestos, mas também descobrir e integrar seu significado” (61). Portanto, somente ao obter uma visão ampliada sobre seus processos doentios interiores é que um indivíduo pode, a partir da tomada de consciência e de uma mudança de postura, encontrar um alívio para sua dor. Grinberg (1997) diz que os complexos são a “pedra no nosso sapato”.

O indivíduo que busca a ajuda de um psicólogo está, consciente ou inconscientemente, buscando apaziguar a sua dor interna. Ele quer ajuda para tirar a “pedra do seu sapato”, curar aquilo que machuca, que fere, que tira o sossego e a paz. É preciso, então, descobrir “o que está doendo”, “por que está doendo”, “como começou esta dor”. E não há como encontrar estas respostas sem entrar em contato com a sombra. Este é um caminho árduo, doloroso e longo, com o qual se deve ter todo cuidado. Para despotencializar um complexo é preciso experienciar novamente a dor para entender a sua “construção” e, a partir daí, desatar esses nós e desmanchar esses processos. E para isto só há um caminho: encontrar a verdade sobre si mesmo. Mas como encontrar-se consigo mesmo se há todo um aprendizado e treino no sentido de “evitar este encontro?” Para Jung, as pessoas têm medo de tornarem-se conscientes de si mesmas. Além de todo receio natural, de todo sentimento de pudor, existe um temor secreto dos “perigos da alma”.

De acordo com o estudo sobre a *persona*, a grande maioria das pessoas aprende, desde a infância, a utilizar máscaras para disfarçar a dor, disfarçar a si mesma, “vender” uma boa imagem, esconder o que sente, etc., muitas vezes na busca de aprovação, e na tentativa de evitar a rejeição alheia e a própria. Ao bloquear e encobrir os caminhos que levam a quem ele é, o ser humano não consegue facilmente assumir a verdade sobre si mesmo, se ver “nu”. Como tudo aquilo que não é aceito sobre si mesmo é colocado no “porão interior” na tentativa de evitar a culpa, o julgamento, a vergonha e outros sentimentos semelhantes, justificados ou não, o trabalho da psicologia é, então, levar o paciente a entrar em contato com esse porão (inconsciente) e tentar trazer à tona (à consciência) a verdade sobre quem ele é realmente, sobre os seus processos interiores e sua forma de ver e dar significado a tudo que lhe diz respeito. E, a partir daí, encontrar ressignificações que proporcionem uma vida mais plena, saudável e, sobretudo, autêntica.

Hall (1986) explica que:

Na análise, a ansiedade da persona manifesta-se como medo de revelar ao analista os verdadeiros detalhes da própria vida, que com freqüência são precisamente os detalhes necessários a uma correta compreensão do problema e à formulação apropriada de um plano provisório de tratamento. O paciente pode esquecer efetivamente os detalhes e deixar de contá-los por isso. Todavia, é mais freqüente que o material esteja presente na memória, mas que a pessoa não os relate voluntariamente no diálogo analítico. Trata-se de outra forma de esperança defensiva neurótica de que aquilo que verdadeiramente nos preocupa não é essencial e não tem de ser analisado”. (...) “Se todas as pessoas que iniciam a análise pudessem levar a sério um pequeno conselho, muita dor de cabeça e, na verdade, muito dinheiro poderiam ser economizados: diga ao analista a verdadeira razão pela qual você sente que algo está errado” (p. 26).

E é neste exato ponto que a experiência de expansão da consciência com a Ayahuasca adquire um valor sem igual. Pelos depoimentos encontrados nos livros pesquisados, advindos de pessoas que tiveram uma experiência de expansão da consciência com esta bebida, viu-se que tal vivência pode conduzir o indivíduo a um mergulho nas profundezas do seu inconsciente individual e até do inconsciente coletivo,

possibilitando o acesso às memórias inconscientes da infância, nascimento e vida fetal, permitindo que ele enxergue sua sombra. Nessa experiência, parece não haver meios de “esconder-se” de si mesmo, nem de reprimir os conteúdos inconscientes. Ao indivíduo é permitido, e até mesmo “imposto”, enxergar-se em sua totalidade, sem qualquer tipo de “maquiagem”. Nesse caso, não haverá um sujeito “bonzinho” ou um sujeito “mau”, mas simplesmente alguém que “é o que é”.

É fato comum que em uma experiência de expansão da consciência com a bebida Ayahuasca, não é possível prever quais conteúdos irão aparecer, mas estes, ao longo de um árduo e às vezes demorado processo, não ficarão na obscuridade. Tudo o que precisa ser “trabalhado” e “resolvido” virá à consciência, ao longo do tempo. Pode-se dizer que a *persona* ficará “impedida” de esconder a verdadeira natureza do ego, e que este se apresentará tal como é. Percebe-se, portanto, que é preciso “coragem” para se ver sem reservas e que nem todos podem se dizer preparados para isso. Ao entrar em contato profundo com o seu inconsciente, o indivíduo pode também relembrar experiências negativas e dolorosas do passado, aquilo que foi “escondido”, mas que ainda o perturba e fere.

Todo “clima” de uma experiência anterior de um passado próximo ou remoto pode se manifestar, só que desta vez clareado pela luz da verdade. Quem naquela situação era partícipe inconsciente, subjugado pela força inferior, é agora expectador lúcido, que assiste surpreso aos próprios atos e neles não se reconhece mais, porque os olhos da consciência estão no momento lavados e purificados, e o espírito está liberto daquele estado anterior (MILANEZ; 1993; p. 87-88).

Embora Pierre Weil tenha colocado que “uma experiência de expansão da consciência seja acompanhada de sentimentos de profunda paz, plenitude, amor a todos os seres”, é importante ressaltar que nem sempre o processo se dá desta forma, com a bebida Ayahuasca. A experiência é individual e depende do momento de cada um, o que quer dizer que nem sempre estes sentimentos estarão presentes. Daí advém o cuidado que se deve adotar com relação a esta vivência. O ego irá refletir o conteúdo do inconsciente, e se lá existir dor, angústia, medo e etc, será exatamente isto que a pessoa irá enxergar. Se existir paz, plenitude e amor, então o reflexo será este. Por isso

recomenda-se não beber o chá sem o devido acompanhamento. Milanez (1993) deixa claro que os benefícios que a Ayahuasca pode proporcionar estão condicionados a dois fatores. Um deles é a presença de um “mestre” consciente, ou seja, uma pessoa com capacidade de administrar as conseqüências que esta vivência pode trazer para aqueles que a ingerem (p. 20).

Por espelhar sempre com precisão o estado espiritual de cada pessoa é que a experiência com o Vegetal (Ayahuasca) nem sempre é fácil, sobretudo para quem o bebe pela primeira vez. Só o despertar instantâneo, que acorda o homem de um profundo sono para uma realidade desconhecida, já é chocante. Mais chocante ainda é o fato de que essa realidade é o seu próprio ser, sua própria essência. E quem anda desprezando a voz da consciência e cometendo violações, tem normalmente uma grande surpresa porque, ao abrir a porta do porão abandonado, pode se deparar com a casa invadida, e então terá que enfrentar o que ele mesmo criou com seus pensamentos, palavras e atitudes inferiores. Nesse caso, a ordem é expulsar os intrusos até limpar a casa, colocá-la em ordem (p. 77-78).

Para Milanez (1993), “Embora difíceis, tais experiências são de uma eficácia inigualável à evolução do homem porque ele toma conhecimento do assédio da força inferior e, a partir daí, começa a se preparar para lutar com ela na sua vida cotidiana” (p. 77). Para aqueles que possuem uma estrutura interior forte, por exemplo, o fato de não haver um analista num contexto como este, facilita o processo de autoconhecimento, no sentido de que o indivíduo não corre o risco de ser exposto ou rejeitado pelo analista ou qualquer outra pessoa. Ele é, ao mesmo tempo, o paciente e o observador em seu *temenos* pessoal, sendo ele mesmo a única testemunha de seus próprios atos.

Assim, percebe-se que o indivíduo “vê” e compreende a verdadeira razão pela qual ele sente que algo está errado, exatamente como sugere Hall (1986). E como “toda psicologia é uma confissão pessoal” (Stein; 1998; p.22), um ritual com a Ayahuasca pode ter como possibilidade levar o indivíduo a tornar-se consciente do material existente na sombra, oferecendo-lhe uma excelente oportunidade de trabalhar este material sob os holofotes da luz da consciência.

4.2 – LIBERDADE PARA MUDAR

De acordo com o pensamento junguiano, somente tomando consciência de si próprio, somente enfrentando o que pode “subjugar-nos” é possível resignificar conceitos e conteúdos internos antigos.

Milanez (1993) explica que a Ayahuasca “atua no espírito humano no sentido de despertar-lhe a divindade que estivera até então adormecida, e que se manifesta através da Consciência” (p. 39). Para ele, o reconhecimento dos erros ocorre em consequência desse despertar, quando a pessoa descobre em seu interior a atuação das forças antagônicas inferior e superior. “O Vegetal tem o poder de tornar explícito e evidente esse confronto, possibilitando a cada um ver e sentir por si só em seu espírito o domínio de uma ou de outra força, dependendo do que vem semeando pela vida. Assim, é revelado, qual espelho mágico, o estado em que o homem se encontra” (p. 77).

Pode-se ver que uma experiência com a Ayahuasca, embora muitas vezes dolorosa, pode, caso o indivíduo seja persistente, trazer muitos benefícios para uma mudança interna efetiva no processo de individuação. Milanez (1993) afirma que a Ayahuasca proporciona uma experiência que liberta o indivíduo “daqueles estados de espírito obscurecidos pelo jogo mental dos interesses e desejos”. Segundo o autor, o chá atua, primeiramente, aguçando a sensibilidade de modo que se possa ver claramente o que é e o que não é, para que haja a possibilidade de reconhecer o erro, rejeitando-o como estranho ao que há de mais puro e perene no ser humano. E, para que isso aconteça, diz ele, é preciso que o homem sinta vergonha diante de si mesmo “por se ter deixado seduzir pelo que parecia, mas não era. Somente assim pode-se encontrar a paz e a reconciliação consigo mesmo” (p. 28-29).

De acordo com Milanez (1993), durante a experiência, a pessoa sente uma liberdade sem igual e, dentro deste estado, ela pode perceber novas possibilidades para seus desafios diários. Outra característica importante é o fato de sentir uma ligação muito forte com tudo e com todos e uma conexão inegável e indescritível com o divino, algo que não se consegue “explicar”.

O tempo de burracheira (período em que uma pessoa permanece na vivência de expansão da consciência) é o momento da libertação. O momento de se sentir, pela primeira vez, realmente livre, livre para ser. O momento de saber que a liberdade tão procurada está dentro de si mesmo e consiste num estado de espírito elevado onde o homem está em sintonia com todo o Universo e disponível à vontade de Deus (p. 89).

Moraes (1995) também fala desse sentido de libertação, ao citar William James (1942-1910): O sujeito “experimenta um senso de realidade maior do que o real da consciência usual. A consciência de vigília é uma limitação e a experiência mística um momento de libertação da consciência usualmente aprisionada em limites estreitos” (p. 46).

Esse momento de libertação e “visão” de si mesmo fora dos limites estreitos é que proporciona, como uma das possibilidades da expansão da consciência, enxergar-se verdadeiramente. Não há como partir para uma nova forma de viver, mais madura e com novas possibilidades sem o retorno à autenticidade, o que significa enfrentar as próprias distorções, acumuladas ao longo do tempo pelas experiências passadas. Para Milanez (1993) “A elevação espiritual provém do reconhecimento dos próprios erros, ou seja, da reconciliação do homem consigo mesmo, que conduz conseqüentemente, à reconciliação com o Todo”. A pessoa terá de ver a si mesma, tal qual é, sem máscaras, sem subterfúgios, sem faz de contas, “terá que fazer uma longa travessia dentro de si mesmo, atravessar o umbral que separa o conhecido do desconhecido e enfrentar, nessa nova realidade, todos os seus desvios, todas as tendências malévolas acumuladas durante a sua vida” (p. 76).

... a iluminação, a Consciência, para onde a escada do Vegetal conduz, consiste em perder (...) a ignorância, o ego, as ilusões; desfazer-se da casca, voltar a ser um. E, sobretudo, libertar a personalidade, essa máscara que esconde a verdadeira essência do homem. Sem ela, acaba-se o jogo do ‘parecer ser’ e inicia-se a conquista do ser, único caminho a proporcionar equilíbrio, beleza e brilho ao espírito humano (p. 88).

Somente assim, existe a possibilidade de uma mudança efetiva de consciência, a possibilidade concreta de religar-se, de voltar a ser uno, um indivíduo, e este processo,

de acordo com o presente estudo, pode ser comparado à confissão religiosa, em que uma transformação de consciência decorre da experiência com o sagrado, com o divino. Para os usuários da bebida Ayahuasca, a experiência com a mesma proporciona o “encontro com o divino” em cada um e é esse divino que, aos poucos, vai transformando cada pessoa em um ser humano melhor, mais pleno e mais feliz.

4.3 – A CONFISSÃO RELIGIOSA – O SAGRADO E O DIVINO TRAZENDO UMA NOVA CONSCIÊNCIA

Silveira (1997) diz que aqueles que vivem a experiência do *numinoso* falam de uma “emoção impossível de ser descrita, um sentimento de mistério que faz estremecer” (p. 126).

Jung descreve a experiência do *numinoso* como “O sagrado, o inexprimível, o misterioso, o tremendo, o ‘totalmente outro’, propriedades que possibilitam a experiência imediata do divino. (...) o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador; (...) e é independente de sua vontade” (MORAES; 1995; p. 48).

James explica que “tais estados de união (...) podem dar a certas pessoas um sentido mais profundo do que qualquer outra coisa de que tenham conhecimento” (MORAES; 1995; p. 42).

Milanez (1993) diz que o efeito da experiência “no espírito do homem não obedece aos ditames da lógica, mas unicamente ao mistério das determinações divinas” (p. 80-81). Para ele, a Ayahuasca tem um poder de atuação que transcende os limites da linguagem verbal, o que não nos permite descrever seus efeitos, mas apenas dar uma idéia do seu alcance como instrumento de regeneração e purificação do indivíduo (p. 19).

Jung também faz uma comparação entre o conceito de *religare* e o conceito de confissão religiosa – a experiência religiosa do divino ou transpessoal. Para ele também, a origem dos credos religiosos está na experiência do sagrado e do divino, tendo como consequência a transformação fundamental de consciência daí advinda (MORAES; 1995; p. 48).

Segundo Milanez, a Ayahuasca proporciona essa experiência e também traz a consciência necessária para uma mudança. “A OASKA é essencialmente o elo de ligação do homem com o Sagrado”, se trata de um “sentir intimamente a presença reveladora do ser eterno de cada um, o seu espírito – sua identidade cósmica e seu destino” (p. 25-26).

James expôs que as características principais, consideradas por ele como fundamentais para que uma experiência seja considerada mística, são: a) acontece por “força de uma vontade superior”; b) não se pode “descrever com palavras”; e c) um “conhecimento de realidades profundas” (MORAES; 1995; p. 44).

Assim, unificando os conhecimentos de Jung, as considerações de Silveira, os depoimentos de Milanez e as explicações de James, pode-se perceber as similaridades e concluir que o estado de expansão de consciência proporcionado com a bebida Ayahuasca pode possibilitar ao indivíduo tornar a ligar (*religare*) a sua parte consciente com fatores poderosos do seu inconsciente, entrando em contato com algo maior, sagrado e divino, que ele não compreende de imediato. Essa experiência lhe traz conhecimentos profundos de outras realidades e, funda-se na fé no “indizível” desse contato. Lhe deixa a lembrança de seu conteúdo e importância, a certeza de uma “vontade superior” e lhe traz a possibilidade de uma transformação radical em sua forma de ver e lidar com o mundo.

4.4 – OUVINDO A CONSCIÊNCIA SUPERIOR

De acordo com Jung, o termo “religião” designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do *numinoso* e cabe aqui fazer referência novamente ao exemplo de Paulo que perseguia os cristãos e, após uma experiência com o *numinoso*, muda radicalmente seu comportamento, suas atitudes e os rumos de sua vida. Assim, faz sentido as palavras de Jung ao dizer que se o indivíduo consegue perceber a existência de “algo mais” além das questões cotidianas, ele começa a entender que as próprias experiências estão subordinadas a um certo objetivo. A partir

daí, então, é necessário permitir a morte do velho para que, outra vez, o novo tenha lugar.

Jung também fala que Individuação é o pilar de sustentação de toda a nossa busca e Grinberg afirma que implica tornar-se aquilo que de fato somos e o objetivo final é a integração de consciência e inconsciência que faz com que o ego seja assimilado ao Si-Mesmo. A identidade pessoal se livra, então, das camadas da *persona*, através da qual adotamos papéis sociais rígidos e artificiais, fugindo da nossa individualidade. É preciso ter a capacidade de fazer morrer tudo o que já não serve mais (p.177).

Foi observado com o presente trabalho, que a confissão religiosa é de vital importância para uma mudança transformadora na vida do indivíduo em seu processo de individuação, e esse fato traz uma compreensão maior para os rituais religiosos realizados com a Ayahuasca, já que a confissão religiosa é uma das possibilidades que a experiência com esta bebida proporciona. Se “toda confissão religiosa se funda originalmente na experiência do *numinoso*, na fé e confiança em relação a uma determinada experiência de caráter *numinoso* e na mudança de consciência que daí resulta” (Moraes;1995; p. 48), pode-se deduzir que a experiência com a Ayahuasca possibilita uma mudança de consciência. A partir dessa mudança e da adoção de uma nova postura frente aos desafios e à própria vida, pode-se começar a “ouvir” melhor uma “voz” interna que guia e direciona. Essa “voz” passa, então, a ser a bússola rumo a uma verdade maior.

Jung, nas palavras de Hall (1986), fala sobre um “diálogo” constante entre uma consciência superior e o ego, e este diálogo parece ser o que dá uma nova direção ao indivíduo que se torna consciente do seu processo de individuação (p. 56). Caso ele se decida a “ouvir” essa voz, este pode ser um passo importante nessa nova caminhada em busca do autoconhecimento e do encontro com novos significados. Pela presente pesquisa, pode-se observar que há uma grande semelhança entre este diálogo alcançado através das experiências culminantes e as experiências com a bebida Ayahuasca. Viu-se as indicações de que esta experiência permite ao indivíduo entrar em contato com uma consciência maior e receber dessa consciência instruções e orientações para sua vida diária, além de lhe permitir a compreensão de seus

processos internos, ao longo do tempo. Segundo Milanez (1993), a experiência com a Ayahuasca proporciona um estado de espírito que “tem o poder de abrir o canal de comunicação entre a criatura e o Criador. O espírito humano recebe então luz para (re)conhecer as Leis que regem a Natureza, e força para cumpri-las, compreendendo que só nessa obediência encontrará a paz interior tão almejada” (p. 76). Assim, em cada nova experiência, o indivíduo avança um pouco mais dentro de si mesmo.

Esquemas mentais, dúvidas, fraquezas, baixos instintos são eliminados paulatinamente ao longo dessa árdua viagem em direção à própria essência. O Vegetal desenterra todos os erros praticados, mesmo aqueles que pareciam para sempre esquecidos. E nada é mais útil do que o exame dos próprios atos à Luz da Consciência, porque esse é o primeiro passo para a evolução do homem, e condição básica para a convivência pacífica com os semelhantes (p. 142-143).

Milanez (1993) coloca ainda que, em cada sessão, a pessoa “se depara com um ‘programa’ a ser cumprido, estabelecido pela sua consciência, naquele momento esclarecida pela luz do Vegetal”. A experiência de expansão da consciência com a Ayahuasca lhe evidencia seus erros e omissões assim como lhe indica o meio de repará-los (p. 81). Segundo Milanez, a pessoa conquista aos poucos, através da prática dos ensinamentos recebidos, a sua independência interior, tornando-se cada vez mais segura e serena para enfrentar os desafios da vida. Na medida em que vai enxergando a si mesma e aprendendo a evitar a repetição dos erros, ela passa a relacionar-se melhor com a família, com os amigos e com a sociedade. Passa do estado de carência e insegurança afetiva para um nível superior, de serenidade e auto-suficiência. Entretanto, para chegar a esse ponto, é preciso desapegar-se de tudo o que é nocivo e desnecessário. “Só através dessa ‘desintoxicação’, dessa limpeza geral, é que a verdadeira essência de cada um começa a aparecer” (p. 90).

CAPÍTULO V

5.1 – ASPECTOS TERAPEUTICOS/PSICOLÓGICOS DO CHÁ

O psiquiatra Wilson Gonzaga da Costa, em matéria publicada no “O ESTADO DE SÃO PAULO” (10 de março de 1998), diz que toma o chá há 18 anos e explica porque a Ayahuasca pode ter efeito benéfico em pessoas dependentes de drogas. Segundo Costa, no estado alterado de consciência proporcionado pela bebida, é desencadeado um processo de auto-análise intenso e produtivo, fazendo com que o indivíduo perceba seus conflitos internos. Ele, contudo, alerta sobre seu uso. De acordo com o psiquiatra, pessoas com esquizofrenia ou quadros intensos de paranóias são proibidas de utilizar o chá. Explica ainda que a Ayahuasca deve ser utilizada apenas em rituais, “para evitar que a experiência possa desencadear uma psicose”. De acordo com a matéria, na época de sua publicação, Costa pretendia começar um trabalho utilizando a Ayahuasca com moradores de rua para tratamento de dependências e reintegração à sociedade.

Já o psiquiatra da Unifesp, Lúcio Rodrigues, desenvolveu uma pesquisa para descobrir como a Ayahuasca interfere no sistema emocional. A mesma matéria do jornal fala do estudo de Rodrigues, que contou na época (1998) com a colaboração de colegas que nunca haviam tomado o chá. O psiquiatra pretendia obter entrevistas minuciosas, a respeito do processo desencadeado pelo chá e, de acordo com o resultado obtido, o uso terapêutico da Ayahuasca poderia ser pesquisado com maior profundidade. Rodrigues conta que a ação das substâncias que alteram a consciência sempre foi alvo de pesquisas sérias, mas ao começarem a ser utilizadas fora de rituais, houve banimento e preconceito. E Rodrigues lamenta esse fato. “Esse tipo de substância talvez possa ajudar pessoas a entrar em estado de profundo autoconhecimento”. Rodrigues também acredita que o chá pode ser utilizado para contornar problemas graves tais como dependências. Para Rodrigues, o termo planta alucinógena, como é chamada algumas vezes a bebida Ayahuasca, não é correto. “A expressão passa a idéia incorreta de que a substância provoca a deturpação da realidade (...) o termo *enteógenos* faz referência à totalidade da consciência”. Os

usuários da Ayahuasca também a entendem como *enteógenos* – que provoca o conhecimento do deus interior.

A matéria enfatiza ainda um outro aspecto importante a respeito dos estudos de Rodrigues:

A pesquisa de Rodrigues pode ainda constatar como se comportam, ao tomar o chá, pessoas sem identidade religiosa. “Pelos relatos feitos por integrantes da seita, percebemos que a Ayahuasca desencadeia um processo em que todos os níveis de consciência afloram”. Um efeito que poderia ser obtido em um processo longo de análise. “Precisamos saber se o mesmo ocorre com quem toma o chá nos rituais, mas não se identifica totalmente com os preceitos das seitas” (L.F.).

A jornalista Lígia Formenti, do jornal “O ESTADO DE SÃO PAULO”, conta que, para pesquisadores do Departamento de Psiquiatria da Unifesp, a idéia seria investigar quais influências incidem sobre o abandono do álcool. O psiquiatra Eliseu Labigalini Júnior estaria apresentando, um mês após a publicação da matéria (10 de março de 1998), sua tese sobre o uso da Ayahuasca por ex-dependentes de álcool. A tese de Labigalini apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com consumidores da bebida Ayahuasca que, após o início da utilização da mesma, abandonaram o consumo, antes moderado e severo, do álcool. “Muitos diziam perceber, durante o estado alterado de consciência, que estavam trilhando um caminho que inevitavelmente os levaria à ruína, a menos que mudassem radicalmente de conduta”, conta Labigalini Júnior. As fortes experiências com a Ayahuasca, segundo Labigalini, fizeram com que, aos poucos, o álcool fosse deixado de lado. Assim, o médico resolveu estudar novamente o assunto. Labigalini afirma que “Eles não trocaram uma dependência por outra” e não havia nenhum estudo comprovando que o chá vicia. A modificação comportamental ocorreu de forma lenta e por meio de tentativas concretas de uma mudança de hábitos.

Conforme os relatos colhidos por Labigalini, “o estado provocado pelo chá permite o contato com todos os níveis de consciência – o chamado *self*”, é o que consta da matéria do jornal. Entretanto, o médico também alerta para os riscos de tal experiência e afirma que a Ayahuasca deve ser utilizada dentro de contextos ritualizados, caso contrário, existe a possibilidade de acarretar crises psicóticas. “A

Ayahuasca provoca uma espécie de ruptura das barreiras do consciente”, diz o médico, e o “ritual funciona como um limite protetor”. Ele fala ainda que todos os entrevistados relataram e ressaltaram que as experiências com a bebida trouxeram mudanças importantes. “Eles se deram conta do processo que estabeleceu a dependência do álcool”. Outro ponto relatado é o fato de que todos os entrevistados terem feito também referências constantes sobre “a sensação da presença de Deus”.

Lígia Formenti finaliza a matéria expondo o ponto de vista de Arthur Guerra de Andrade, diretor do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Para Andrade, o estudo de Labigalini é “ingênuo”. Andrade acredita que Labigalini deveria indicar a um grupo o uso da Ayahuasca e a outro um tratamento convencional. A opinião de Ronaldo Laranjeira, coordenador da Unidade de Álcool e Drogas da Unifesp, é de que os dependentes deixaram o álcool em função de um possível fanatismo religioso, mas Labigalini afirma que esse comportamento de “fanatismo” não foi constatado entre os integrantes de sua pesquisa. Para o médico, “Ficou claro que, com a transformação provocada pela Ayahuasca, a causa da compulsão foi sanada”.

Existem outras pesquisas importantes na área da psiquiatria que também estão estudando as plantas “alucinógenas” no tratamento de doenças mentais. Uma matéria da “FOLHA CIÊNCIA” (14 de março de 2001), diz que Arthur Heffer foi o primeiro a identificar uma molécula alucinógena. Segundo a matéria, David E. Nichols, fundador do Instituto Heffer de Pesquisas, está financiando pesquisas para tratar fobias, depressão, transtorno obsessivo-compulsivo e dependência química. Nichols afirmou haverem testes planejados ou em execução na Suíça, na Rússia e nos EUA. Segundo a FOLHA CIÊNCIA, essas substâncias “funcionam mudando os níveis da serotonina, um mensageiro químico do sistema nervoso envolvido na modulação de vários estados cerebrais, como o bem-estar e o apetite”. A matéria explica que alguns antidepressivos também agem na serotonina, fazendo com que ela permaneça nos espaços que há entre as células do cérebro. Para Nichols, muito pouco se conhece sobre como essas substâncias poderiam ser utilizadas em terapia e a primeira coisa que se quer saber é se elas são seguras. Um psiquiatra chamado John Halpern, psiquiatra do Hospital

McLean em Boston, EUA, parece estar tentando responder essa questão com membros (índios americanos) de uma Igreja Nativa Americana em rituais religiosos.

A matéria também fala de estudos realizados no Brasil com alcoólatras violentos que, após a ingestão da Ayahuasca, pararam de beber e tiveram seus níveis de serotonina aumentados no sangue, podendo isso refletir em um aumento no nível de serotonina no cérebro. Cita igualmente pesquisas realizadas sobre o transtorno obsessivo compulsivo na Universidade do Arizona, EUA, e na Universidade de Zurique, Suíça, onde se tem a permissão do governo para explorar essas substâncias no tratamento da esquizofrenia (Folha Ciência; 14 de março de 2001).

Até bem pouco tempo, as pesquisas feitas com a bebida Ayahuasca davam-se no âmbito restrito de poucas áreas da ciência. A psicologia pouco acrescentou ou estudou oficialmente sobre o assunto até recentemente. O tema, entretanto, começou a fazer parte do interesse de muitos psicólogos, incluindo os da linha cognitiva.

A conferência 'Psychoactivity III' foi a primeira sobre a Ayahuasca na Europa (outras foram organizadas no Brasil, Estados Unidos e na Jamaica). Em Amsterdã, o público internacional foi notável; além dos cientistas, havia cerca de 150 ayahuasqueiros da América, da Europa e do Japão. Antropologia, psicologia, etnobotânica, farmacologia, a situação jurídica e uma breve história da "arte ayahuasqueira" foram temas das palestras de cientistas conhecidos, como o antropólogo Luis Eduardo Luna, o psicólogo Benny Shanon, o farmacologista Jace Callaway, o toxicólogo Laurent Rivier e o botânico Christian Raetsch. Xamãs da Amazônia fizeram um ritual de abertura. Foram mostradas reportagens sobre o Santo Daime no Brasil (Rio de Janeiro, Céu do Mapiá, no Acre) e os rituais indígenas no Amazonas. (Revista Planeta, julho de 2003).

O artigo explica que, nos anos 90, o farmacologista Jace Callaway tomou parte em uma pesquisa que estudou o uso da Ayahuasca e os resultados mostraram que os usuários do chá desenvolvem mais receptores de serotonina no cérebro, um sinal importante do efeito positivo da bebida para a saúde. Contudo, diz o artigo, "ainda não está comprovado se isso significa que o chá pode curar doenças como o mal de Parkinson ou o câncer, apesar de rumores favoráveis sobre isso entre ayahuasqueiros".

Para o psicólogo Benny Shanon, a Ayahuasca pode nos dar um *insight* sobre o funcionamento da mente humana. Segundo ele, “a consciência se constrói como uma dança (um *pás-de-deux*) com a realidade, dentro de um campo de significações”. A Ayahuasca pode mudar as regras dessa dança e, conseqüentemente mudar a relação entre a consciência e o mundo. Para ele, é “exatamente durante o estado alterado de consciência que a sua natureza e a relação com o mundo podem ser reveladas”. Assim, através da experiência com a Ayahuasca, a psicologia cognitiva pode aprender mais sobre as regras dessa dança (Revista Planeta, julho de 2003).

Biase e Amoroso (2004), organizadores dos trabalhos de alguns autores proeminentes de várias partes do mundo, editaram um livro chamado “A revolução da CONSCIÊNCIA – Novas descobertas sobre a mente no século XXI”. No capítulo 8, Ayahuasca, mente e consciência, eles transcrevem o trabalho de Benny Shanon – The Hebrew University, Israel.

No resumo de seu estudo Shanon escreve o seguinte:

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa em curso atualmente que investiga, de uma perspectiva cognitivo-psicológica, a infusão psicotrópica ayahuasca. Até o momento, a ayahuasca foi estudada principalmente pelos cientistas ditos naturais (botânicos, farmacólogos e fisiologistas) ou pelos cientistas sociais – principalmente antropólogos. Nosso argumento é que, se quisermos apreciar verdadeiramente o que é especial a respeito da ayahuasca, necessitamos de uma investigação cognitivo-psicológica das experiências subjetivas peculiares que a bebida induz. Por um lado, o modelo cognitivo psicológico serviria para estabelecer as bases para um estudo sistemático da fenomenologia da experiência com a ayahuasca. Por outro, o estudo da ayahuasca pode introduzir ao psicólogo cognitivo novos territórios mentais antes nunca mapeados e, assim, também oferecer-lhe novas questões e novas perspectivas para o estudo da mente. Neste trabalho, focalizo as várias mudanças que a ayahuasca induz no estado de consciência das pessoas, e destaco o grande potencial que o estudo da experiência com a ayahuasca pode ter para o estudo do fenômeno da consciência humana (BIASE e AMOROSO; 2004; p.196).

Do ponto de vista de Shanon, por mais importantes que as pesquisas científicas sobre a Ayahuasca sejam – sob a visão da botânica e etnobotânica, da farmacologia, da bioquímica e fisiologia do cérebro (ciências naturais) e, ainda, das ciências sociais, sobretudo da antropologia – nenhuma delas “aborda o núcleo da questão”. Para ele, a “Ayahuasca desperta curiosidade devido às experiências extraordinárias que provoca nas pessoas” e “essas experiências são psicológicas”. Shanon acredita que o que faz a Ayahuasca ser especial são as experiências subjetivas extraordinárias provocadas pela bebida. “Portanto, os verdadeiros enigmas associados a essa infusão não pertencem nem ao cérebro nem à cultura e sim à mente humana”. Shanon diz ainda que, como tal, seu estudo pertence especialmente ao domínio da psicologia cognitiva (BIASE e AMOROSO; 2004; p. 198 -199).

O autor enfatiza que a psicologia cognitiva “investiga as estruturas comuns e os mecanismos que formam a mente humana” sendo, portanto, “um instrumento para descobrir novos territórios, até então desconhecidos, da mente humana”. Dizendo que o estudo da Ayahuasca é mais pertinente à psicologia cognitiva, Shanon afirma que está também “estabelecendo uma comparação com outras subdisciplinas da psicologia, principalmente a psicologia médica, a psicologia clínica e a psiquiatria”. O autor fala de um outro trabalho que será publicado brevemente e, ao que parece, tem uma visão empírica relacionada ao assunto. Ele coloca que o objetivo de seu relatório é parte de um projeto que pretende estudar a Ayahuasca sob a visão da psicologia cognitiva, e separa seu trabalho totalmente de qualquer vínculo religioso. Segundo ele, “muitos daqueles que tiveram amplo conhecimento direto da ayahuasca são membros de alguma religião ou comunidade associada com a bebida e, portanto, não totalmente confiáveis intelectualmente” (BIASE e AMOROSO; 2004; p. 199-200).

Shanon explica que seu interesse profissional na Ayahuasca é estimulado pela avaliação de que a ligação entre a pesquisa sobre a bebida e o estudo da mente é “de mão dupla”. Para ele, a psicologia cognitiva apresenta uma nova perspectiva bastante pertinente ao estudo da bebida e, ainda, a bebida, com seus fenômenos incomuns, abre novas “janelas para o estudo da mente em geral e da consciência humana em particular”. O autor afirma que estudar a Ayahuasca sob a perspectiva da psicologia cognitiva pode, ainda, “espargir uma nova luz sobre os fenômenos que estão na esfera

da ação de outras disciplinas científicas, principalmente a antropologia e a filosofia” (BIASE e AMOROSO; 2004; p.202).

O autor coloca as contribuições mútuas (da psicologia cognitiva para a Ayahuasca e desta para a psicologia cognitiva) que podem surgir a partir de um estudo mais profundo. Ele explica que a “tarefa da psicologia cognitiva consiste em uma tentativa de oferecer um mapa sistematizado da fenomenologia especial apresentada pela Ayahuasca e conceitualizá-la em termos do atual conhecimento empírico e teórico sobre o funcionamento da mente humana”. O autor cita ainda William James (1929), que acreditava que nossa consciência racional, desperta, seria apenas um tipo de consciência e que, à sua volta, haveria formas potenciais de consciência totalmente diferentes. Segundo James, mesmo que sequer se suspeitasse de sua existência, apenas aplicando o estímulo necessário elas se mostrariam em toda a sua plenitude: tipos definidos de mentalidade que teriam seu campo de aplicação e adaptação. E “nenhuma explicação do universo em sua totalidade pode ser conclusiva se deixar essas outras formas de consciência negligenciadas” (BIASE e AMOROSO; 2004; p. 205-206).

É fundamental ressaltar ao final do presente trabalho a diferença primordial entre indivíduos que buscam uma “viagem” (os que buscam drogas numa tentativa de fuga) e aqueles que buscam um encontro consigo e com uma consciência superior. Um artigo da Revista Trip, de novembro de 1995, esclarece bem essa questão. Segundo o entrevistado Edson Engels Garcia dos Santos, um psiquiatra de 44 anos na época, existe uma diferença profunda entre os que buscam uma ruptura com a consciência em troca de um prazer individualista que almeja ficar fora de si por não suportar a si mesmo e um mundo careta que não lhe agrada (referência feita aos usuários de *crack*), e os que “buscam a modificação da consciência numa vivência coletiva, sacralizada para uma transcendência em busca do divino. O uso da Ayahuasca é integrado num ritual que busca anular a subjetividade (ficar fora de si) para se transcender numa experiência coletiva e divina”.

Govert Derix, jornalista da revista Planeta, afirma que a Ayahuasca não serve como uma “droga para se consumir em festas” (*party drug*). Segundo o jornalista, o caráter específico da Ayahuasca e seus rituais indígenas denotam a importância da

Floresta Amazônica como tesouro de muitas outras plantas com grande valor para a humanidade. Para Govert Derix, o uso da Ayahuasca, mesmo fora de um ritual religioso, é acompanhado de uma grande carga espiritual. (Revista Planeta, julho de 2003).

Shanon também considera que as experiências com a Ayahuasca são “algo maior”: “Especialmente intensas são as experiências em que sentimos que a consciência não é pessoal e sim parte integrante de uma moldura do ser que é maior que nós mesmos. Essa superconsciência pode ser ou algo cósmico – uma espécie de *anima mundi* – ou pode pertencer a um *self* de um nível superior, ao qual estamos conectados”. Ele cita algumas observações de Alex Polari, um dos mais altos líderes religiosos que utilizam a bebida no Brasil: “Nossa consciência (...) poderia ser (...) diretamente relacionada com (...) a totalidade da energia cósmica (que, por sua vez, é) meramente um ponto provisório na compreensão de outras totalidades infinitas que nos conduzem à verdadeira totalidade que é Deus. (Com isso, segue-se) a descoberta do verdadeiro ‘eu’ do qual o ego racional é apenas uma caricatura desbotada” (BIASE e AMOROSO; 2004; p. 213).

CONCLUSÃO

No presente estudo verificou-se que a prática da ingestão da Ayahuasca por parte de certos grupos religiosos nos coloca frente a questões que vão além da liberdade de religião ou do direito à liberdade da mente e privacidade do ser humano.

Unificando os vários conhecimentos aqui abordados, pôde-se perceber algumas similaridades e concluir que o estado de expansão de consciência proporcionado com a bebida Ayahuasca pode possibilitar ao indivíduo entrar em contato com algo sagrado e divino, que muitas vezes não pode ser compreendido de imediato. Aqueles que vivem este tipo de experiência falam de uma emoção impossível de ser descrita, um sentimento de mistério. Essa experiência lhes traz conhecimentos profundos de outras realidades e se funda na fé no “indizível” desse contato, lhes deixa a lembrança de seu conteúdo e importância, a certeza de uma “vontade superior” e lhes traz a possibilidade de uma transformação radical em sua forma de ver e lidar com o mundo.

Nas experiências de expansão da consciência obtidas com esta bebida, percebeu-se que a pessoa é convidada a voltar-se para o seu interior; deixar cair as máscaras; crescer; melhorar suas condições de estar no mundo e sua interação com as outras pessoas; lidar melhor consigo mesma ao assumir as consequências de suas próprias decisões e atitudes passadas; resignificar seus conceitos (principalmente os conceitos religiosos); enxergar a si mesma de forma verdadeira e corajosa; adotar novas posturas, mais conscientes, saudáveis e maduras; curar feridas e vícios; desapegar-se de culpas e medos limitadores; adotar uma atitude mais coerente com sua própria vida e com propósitos mais nobres; aprender a dialogar com uma consciência superior que lhe poderá orientar os passos podendo, assim, *religar-se*. Tudo isso nada mais é do que a busca incessante que a psicologia empreende junto ao ser humano.

Assim, seria interessante e bastante “revelador” que a psicologia pudesse voltar seus olhos um pouco mais sobre este assunto. Conhecer as pesquisas que já estão sendo realizadas nas várias partes do mundo, participar delas e, nas palavras de Shanon, focalizar as várias mudanças que esta bebida induz no estado de consciência

das pessoas, permitirá à Psicologia apreender o grande potencial que a experiência com a Ayahuasca pode ter no estudo do fenômeno da consciência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIASE, Francisco De; AMOROSO, Richard; **A Revolução da Consciência – Novas Descobertas Sobre a Mente no Século XXI**. Ed. Vozes, 2004.

BOLSANELLO, Débora Pereira; **Busca do Graal Brasileiro – A Doutrina do Santo Daime**. Ed. Bertrand Brasil, 1971. 244 p. Ed. Cultrix, 1998.

CABRAL, Álvaro; NICK Eva; **Dicionário Técnico de Psicologia**.

GRINBERG, Luiz Paulo; **JUNG – O Homem Criativo**. Ed. FTD, 1997.

HALL, James A.; **A Experiência Junguiana – Análise e Individuação**. Ed. Cultrix, 1986.

JUNG, C. G.; **A Vida Simbólica**. Ed. Vozes, 1988.

JUNG, C. G.; **Psicologia e Religião**. Ed. Vozes, 1971.

JÚNIOR, SANGIRARDI; – **O Índio e as Plantas Alucinógenas**. Ed. Ediouro, 1989.

LIMA, Emmanuel Gomes Correia; **O Uso Ritual da Ayahuasca – Da Floresta Amazônica aos Centros Urbanos**. Monografia – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas – Departamento de Geografia, 2004. 93 p.

MILANEZ, Wânia; **OASKA – O Evangelho da Rosa**. Ed. Sama Editora, 1993.

MORAES, Célia Carvalho de; **O ÊXTASE – Uma Abordagem do Ponto de Vista da Psicologia Clínica e das Religiões**. Monografia – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 1995.

OLIVEIRA, Marcial; **Minha Viagem ao Centro do Daime**. Ed. Saraiva, 1993.

PIERI, Paolo Francesco; **Dicionário Junguiano**. Ed. Vozes, 2002.

SILVEIRA, Nise da; **JUNG – Vida e Obra**. Ed. Paz e Terra, 1997.

STEIN, Murray; **JUNG – O Mapa da Alma**. Ed. Cultrix, 1998.

REVISTA PLANETA – Psychoactivity III - A Ayahuasca em debate; Julho de 2003.

REVISTA TRIP - Dai-me Luz – A Revelação do Santo Daime; Setembro de 1995.

FOLHA CIÊNCIA – Alucinógeno pode tratar doença mental; 14 de março de 2001.

O ESTADO DE SÃO PAULO – Terapia para mendigos usará chá do Daime; 10 de março de 1998.

http://www.vitriol.com.br/artigo_expansao.htm

V. I. T. R. I. O. L. Clínica de Saúde Integral - Psicologia, Fisioterapia e Fonoaudiologia

http://www.terra.com.br/planetanaweb/flash/transcendendo/mente/outra_dimensao.htm

<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT384839-1664-1,00.html>

ANEXOS



Edição Número 214 de 08/11/2004

RESOLUÇÃO N o 4-CONAD, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2004

Dispõe sobre o uso religioso e sobre a pesquisa da ayahuasca

O PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL ANTIDROGAS - CONAD, no uso de suas atribuições legais, observando, especialmente, o que prevê o art. 6º do Regimento Interno do CONAD; e

CONSIDERANDO que o plenário do CONAD aprovou, em reunião realizada no dia 17 de agosto de 2004, o parecer da Câmara de Assessoramento Técnico-Científico que, por seu turno, reconhece a legitimidade, juridicamente, do uso religioso da ayahuasca, e que o processo de legitimação iniciou-se, há mais de dezoito anos, com a suspensão provisória das espécies vegetais que a compõem, das listas da Divisão de Medicamentos DIMED, por Resolução do Conselho Federal de Entorpecentes - CONFEN, n° 06, de 04 de fevereiro de 1986, suspensão essa que tornou-se definitiva, com base em pareceres de 1987 e 1992, indicados em ata do CONFEN, publicada no D.O. de 24 de agosto de 1992, sendo os subseqüentes considerandos baseados na já referida decisão do CONAD;

CONSIDERANDO que a decisão adequada, da Administração Pública, sobre o uso religioso da ayahuasca, foi proferida com base em análise multidisciplinar;

CONSIDERANDO a importância de garantir o direito constitucional ao exercício do culto e à decisão individual, no uso religioso da ayahuasca, mas que tal decisão deve ser devidamente alicerçada na mais ampla gama de informações, prestadas por profissionais das diversas áreas do conhecimento humano, pelos órgãos públicos e pela experiência comum, recolhida nos diversos segmentos da sociedade civil;

CONSIDERANDO que a participação no uso religioso da ayahuasca, de crianças e mulheres grávidas, deve permanecer como objeto de recomendação aos pais, no adequado exercício do poder familiar (art. 1.634 do Código Civil), e às grávidas, de que serão sempre responsáveis pela medida de tal participação, atendendo, permanentemente, à preservação do desenvolvimento e da estruturação da personalidade do menor e do nascituro;

CONSIDERANDO que qualquer prática religiosa adotada pela família abrange os deveres e direitos dos pais "de orientar a criança com relação ao exercício de seus direitos de maneira acorde com a evolução de sua capacidade" , aí incluída a liberdade de professar a própria religião e as próprias crenças, observadas as limitações legais ditadas pelos interesses públicos gerais (cf. Convenção Sobre os Direitos da Criança, ratificada pelo Brasil, promulgada pelo Decreto nº 99.710, de 21/11/1990, art. 14);

CONSIDERANDO a conveniência da implementação de estudo e pesquisa sobre o uso terapêutico da ayahuasca, em caráter experimental;

CONSIDERANDO que o controle administrativo e social do uso religioso da ayahuasca somente poderá se estruturar, adequadamente, com o concurso do saber detido pelos grupos de usuários;

RESOLVE:

Art. 1º Fica instituído GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO para levantamento e acompanhamento do uso religioso da ayahuasca, bem como para a pesquisa de sua utilização terapêutica, em caráter experimental.

Art. 2º O GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO será composto por seis membros, indicados pelo CONAD, das áreas que atendam, entre outros, aos seguintes aspectos: antropológico, farmacológico/bioquímico, social, psicológico, psiquiátrico e jurídico. Além disso, o grupo será integrado por mais seis membros, convidados pelo CONAD, representantes dos grupos religiosos, usuários da ayahuasca.

Art. 3º O GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO escolherá seu presidente e vice-presidente e deverá, como primeira tarefa, promover o cadastro nacional de todas as instituições que, em suas práticas religiosas, adotam o uso da ayahuasca, devendo essas instituições manter registro permanente de menores integrantes da comunidade religiosa, com a indicação de seus respectivos responsáveis legais, entre outros dados indicados pelo GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO . Art. 4º O GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO estruturará seu plano de ação e o submeterá ao CONAD, em até 180 dias, com vistas à implementação das metas referidas na presente resolução, tendo como objetivo final, a elaboração de documento que traduza a deontologia do uso da ayahuasca, como forma de prevenir o seu uso inadequado.

Art. 5º O CONAD, por seus serviços administrativos, deverá consolidar, em separata, todas as decisões do CONFEN e do CONAD sobre o uso religioso da ayahuasca, para acesso e utilização dos interessados que poderão, às suas próprias expensas, extrair cópias, observadas as respectivas regras administrativas para tanto.

Art. 6º Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

JORGE ARMANDO FELIX

Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional e

Presidente do Conselho Nacional Antidrogas